M U S S O L I N I

DISCURSOS DA REVOLUÇÃO

PREFÁCIO DE
ITALO BALBO

TRADUÇÃO DE
FRANCISCO MORAIS



"É melhor viver um dia como um leão do que uma centena de anos como uma ovelha."

Benito Mussolini

Agradecimentos:

Agradecemos aos colaboradores do México, Inglaterra, Estados Unidos da América, Chile, Argentina, Portugal e aos nobres ativistas locais, pela ajuda e incentivo aos nossos feitos. Não precisamos nomeá-los um a um; cada qual conhece o valor de suas próprias ações!

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

SOBRE A PRESENTE OBRA

Considera-se a palavra Fascismo, hodiernamente, como um termo pejorativo, sinônimo de autoritarismo, exploração social, chauvinismo, xenofobia, racismo, *ad infinitum*. Todos os dias, na mídia, nas discussões políticas, nos manifestos civis, entre outras formas de expressão, fala-se que a polícia é "fascista", as torcidas organizadas de futebol são "fascistas", as leis contra o tabaco são "fascistas", a cobrança de impostos extorsivos é "fascista", o moralismo é "fascista". Para um político, então, ser chamado de "fascista" é uma ofensa terrível, traduzindo que não está sendo tão liberal quanto o sistema democrático exige.

Como se percebe, o antifascismo é uma paranóia insana, cujas definições são desconexas, sem qualquer ligação racional entre si. Traduz uma verdadeira campanha ostensiva contra o nascimento de qualquer forma de nacionalismo e/ou antiliberalismo. A desmistificação dessa campanha cabe às pessoas de bem, aos defensores do patriotismo e nacionalismo, aos protetores da moral e da ordem pública. Isto se obterá, primeiramente, esclarecendo-se o que seja FASCISMO.

Pesarosamente, mesmo dentro deste ínfimo segmento social que abriga os nacionalistas sinceros, existem dissensões sobre o Fascismo. Sabemos que Nação e Estado são interdependentes; mas qual destes é mais importante? Esse é o ponto onde se acirram as discussões.

Uma vertente crê na necessidade social de se organizar o povo, gerando um sentimento de nacionalidade; o Estado seria então uma decisão política volátil, uma organização objetivando proteger a Nação, mas claramente submetido às mudanças desta. Outros crêem no Estado forte, inalterável, um recipiente onde se desenvolveria a Nação; entretanto, a Nação nunca poderia superar o Estado paternalista, sob pena de perder suas características, de perder sua proteção e se dissolver. Para os primeiros, o Estado deveria defender e assegurar direitos e deveres adquiridos por conquistas sociais; para os últimos, o Estado existiria exatamente para distribuir os direitos e deveres, cabendo apenas a ele decidi-los. O Fascismo defendia o Estado superprotetor e inalterável. Suas decisões eram primeiramente políticas, e não sociais. Para o Fascismo o povo era objeto de proteção e não fonte criadora de direitos.

A idéia do Fascismo surgiu da herança etnológica, do inconsciente coletivo dos italianos, do saudosismo de um povo que um dia governou praticamente toda a Europa e parte do Oriente Médio e África. Nos anos subsequentes à Primeira Guerra Mundial, esse povo outrora glorioso foi sufocado, oprimido pelas vilezas da política e, conseqüentemente se revoltou. Pretendia novamente a glória. O movimento político que se seguiu inspirou ideologias em inúmeros países, cada qual adaptando, logicamente, a concepção do Estado forte às idiossincrasias e necessidades nacionais.

Alemanha, Portugal, Espanha, Argentina e nosso próprio Brasil, entre muitos outros países, cada qual em maior ou menor grau, demonstraram claramente as influências da ideologia italiana. Marchas como a realizada em Roma se repetiram em vários pontos do mundo. Ideais de soberania inspiraram gerações e até hoje notamos a vivacidade de seu espírito entre os nacionalistas. As décadas de 20 a 40 foram as épocas decisivas da História, quando alguns homens optaram pela servidão irracional e outros, poucos, decidiram pela Revolução.

Através da presente obra, pretendemos trazer aos leitores um pouco mais de conhecimento a respeito do Fascismo italiano, gênese de todas as ideologias sinceras que almejam o Estado nacionalista moderno.

Primeiramente, nas palavras de **ITALO BALBO**, fascista de primeira categoria, a introdução à saga fascista, como preâmbulo às palavras vibrantes que se seguem. Seria incompleto nosso intento se privássemo-nos de conhecer o ideal fascista nas palavras de seu líder máximo, o Duce **BENITO MUSSOLINI**, através de seus discursos de primeira época[1]. Subseqüentemente, trazemos um anexo com o texto de um fascista italiano, escrito especialmente para a revista nacional-revolucionária inglesa ***Final Conflict*** [2], mas que em vista de seu interessantís-simo teor foi traduzido e reproduzido na presente apostila de formação doutrinária. O segundo anexo demonstra as tentativas de reestruturação do Fascismo italiano, mediante o **MOVIMENTO FASCISMO E LIBERTÁ**, em manifesto publicado junto ao periódico norte-americano ***The New Order*** [3]. O terceiro anexo é uma tentativa modesta de reconstituir fatos da história que nem sempre são acessíveis e, muitas vezes, são até mesmo dissimulados ou falsificados.

Esta é mais uma obra básica, necessária a todo e qualquer crítico ou simpatizante dos ideais nacional-revolucionários. Temos fé de que com nosso humilde esforço, traremos um pouco mais de luz à mente torpe da sociedade moderna e um tanto mais de esperança aos cidadãos esclarecidos.

POR DEUS, PÁTRIA E NAÇÃO!! SALVE A VITÓRIA!!

Os Editores - FdR

---

[1] ***O prefácio de Italo Balbo e os discursos do Duce Mussolini foram originalmente compilados no livro DISCURSOS DA REVOLUÇÃO, com tradução de Francisco Morais, Coimbra Editora, país n/c, 1933.***

[2] ***In FINAL CONFLICT - n° 8, ITP, Londres, Inglaterra, Outono-Inverno/1995, págs. 10 a 13.***

[3] ***In THE NEW ORDER - n° 127, NSDAP/AO, Lincoln/NE, USA, 03-04/1997, pág. 5***

P R E F Á C I O

Em Udina, frente à planura friulana e às colinas do Carso, aos pés das quais se alinham os brancos cemitérios da guerra; em Udina, que a paixão, o martírio, a expectativa tenaz e a glória da guerra vitoriosa tornaram sagrada para a juventude italiana, Benito Mussolini, a 20 de Setembro de 1922, lançou à Itália, em palavras concisas de fogo, o discurso da Revolução.

Discurso rude como é rude a sua raça de campesino da Romanha, mas discurso profundamente político que irá modelar a alma da Itália e prepará-la para a jornada fascista.

Depois da crise do trabalho, o grande problema do regime - perigosa crise para o Fascismo - fica resolvido. Benito Mussolini pensa já na marcha dos Camisas Negras sobre Roma eterna e num rasgo de oportunidade magnífica, mais tarde confirmado em Nápoles, resolve a espinhosa questão do lealismo monárquico, profundamente radicado na alma do povo e no coração do Exército; traça com mão firme as linhas do Governo fascista de amanhã, resumindo o programa numa só vontade: a de governar pelos direitos adquiridos pela juventude fascista, vinda das trincheiras para recomeçar a luta nas ruas e abalando, um por um, os velhos ideais com que a filosofia estrangeira, o materialismo histórico e o socialismo tinham abastardado a alma da Itália.

Governar, restituir a Itália a si mesmo, à tradição milenária, era o sonho inquieto dos revolucionários de 21, que um século depois ressurgia a perturbar os sonhos da juventude italiana, a concretizar-se em realidade. A 20 de Setembro, no pequeno Teatro Social de Udina, o mito toma a forma ainda vaga, que mais tarde é reforçada noutro discurso, pronunciado em Cremona a um público de há muito confirmado no Fascismo. Perante a multidão restituída à alma nacional, Benito Mussolini sente mais vivo que nunca o contraste entre a jovem Itália do Fascismo, ávida de reger os destinos da Nação e a Itália decrépita e oficial que os abandonara à deriva.

A 5 de Outubro, em Milão, na Squadra Sciesa, evocando a memória de três camaradas mortos pela causa fascista, Mussolini desfez o grande equívoco que martirizava a Itália: fora do Estado, o Fascismo governa e cumpre todas as funções que o Estado não sabe e não quer cumprir.

São os dias do Trentino, ocupado pelos Camisas Negras para pôr termo à inação humilhante do Governo, que a quatro anos da vitória gloriosa, se encontra à mercê dos inimigos da guerra! É preciso agir, é preciso tomar de assalto o Estado para impedir a ruína da Nação. O Fascismo italiano inicia o seu movimento, a sua batalha e os chefes do Fascismo não perdem uma hora: preparam vigorosamente os planos e, mais que os planos, a alma da Itália para o momento eminente e decisivo. Em Nápoles, a 24 de Outubro, a pouco mais de um mês do discurso de Udina, o Fascismo está preparado e Mussolini lança o último repto. Lança-o com palavras frias, que inflamam o coração do Sul e o exército dos Camisas Negras. Em Nápoles, a figura de Mussolini assume a forma de guerreiro que desce resolutamente a campo. Fala não só

aos 500.000 fascistas italianos, mas a toda a Itália: à questão do regime e fixa os pontos do Sindicalismo Nacional.

O discurso não é só um ultimatum, é também um programa de Governo e, se ao povo diz a sua vontade, recorda ao Exército que o Fascismo o salvou a ele, quando se tornara em instituição todos os dias agredida impunemente pelo bolchevismo ameaçador. Em Nápoles decide-se a revolução: o Governo não cederá perante os direitos dos que representam a Nação e a força da Nação, e os Camisas Negras marcharão sobre Roma.

Os tímidos governantes italianos não souberam escutar a voz da realidade e cinco dias depois as pesadas legiões dos Camisas Negras entravam em Roma, poupada ao sangue fraterno pelo Rei soldado. Entraram em Roma saudando em Mussolini o chefe do novo Governo.

A tenacidade do romanho, a sua força, o seu gênio tinham vencido.

Mas não era só a Itália de Vittorio Veneto que finalmente atingia o Campidoglio: era sobretudo a Itália dos Antepassados, a Itália do martírio, a Itália do conspirador, de Giuseppe Mazzini, que pela primeira vez, depois de 1849, voltava à Roma eterna para retomar a sua missão perante o mundo civilizado!

ITALO BALBO

DISCURSOS DA REVOLUÇÃO

DISCURSO DE UDINA

20 DE SETEMBRO DE 1922

Com o discurso que vou pronunciar perante vós, faço uma exceção à regra que a mim mesmo impus: qual é limitar ao mínimo possível as manifestações da minha eloqüência. Oh, fosse possível estrangulá-la, como aconselhava um poeta, a essa eloqüência verbosa, prolixa, inconcludente, democrática, de que por tanto tempo se abusou! Estou certo, pois, ou pelo menos alimento essa esperança, de que não esperais de mim um discurso que não seja estritamente fascista, quer dizer, esquelético, áspero, singelo e duro.

A UNIDADE DA PÁTRIA

Não espereis aqui pela comemoração do 20 de setembro. O tema seria decerto tentador e lisonjeiro. Daria material amplo de meditações reexaminar por que prodígio de forças imponderáveis e através de quais e quantos sacrifícios de populações e homens, a Itália conseguiu atingir a sua unidade, ainda não realizada totalmente - porque da unidade total não se poderá falar enquanto Fiume e a Dalmácia e as outras terras não tenham voltado a nós, realizando-se deste modo aquele sonho orgulhoso que em nossos espíritos fermenta.

Mas peço-vos: considerai que também no Ressurgimento, e através do Ressurgimento italiano, que vai da primeira tentativa insurrecional de Nola, iniciada numa caserna de soldados de cavalaria, e acaba com a brecha da Porta Pia em 70, duas forças entram em jogo: uma, a força tradicional, a força necessariamente um pouco estática e atrasada, a força da tradição saboiana e piemontesa; outra, a força insurrecional e revolucionária que vinha da parte melhor do povo e da burguesia; e foi só através da conciliação e equilíbrio destas duas forças que nós pudemos realizar a unidade da Pátria. Qualquer coisa de semelhante se verifica talvez, ainda hoje, e disso prometo falar já.

"ELEVEMOS O PENSAMENTO A ROMA!"

Mas por que é - nunca o perguntastes a vós mesmos? -, por que é que a unidade da Pátria se resume no símbolo e na palavra Roma? Forçoso é que os Fascistas de todo esqueçam - por que se não o fizessem seriam mesquinhos - o acolhimento mais ou menos ingrato que tivemos em Roma, em outubro do ano passado; é necessário ter a coragem de dizer que uma parte da responsabilidade de tudo o que lá aconteceu se deve a alguns dos nossos elementos que não estavam à altura da situação. E é necessário não confundir Roma com os romanos, com aquelas centenas dos chamados *trânsfugas do Fascismo* que estão em Roma, em Milão e em tantos outros centros de Itália e que por tendência natural fazem antifascismo prático e criminoso. Mas se Mazzini e Garibaldi por três vezes tentaram chegar a Roma, e Garibaldi deu aos seus camisas vermelhas o dilema trágico, inexorável de "Roma ou morte", significa isto que, para os homens do Ressurgimento italiano, Roma tinha já uma função essencial de ordem singularíssima a realizar na nova história da Nação italiana. Ergamos, pois com ânimo puro e livre e rancores, o nosso pensamento a Roma, que é uma das poucas cidades espirituais do mundo, porque ali, entre aquelas sete colinas sobrecarregadas de história, operou-se um dos maiores prodígios espirituais que a história recorda, isto é, aí se transmudou uma religião oriental, não compreendida por nós, numa religião universal que, sob outra forma, retomou aquele império levado aos extremos confins de terra pelas legiões consulares de Roma. E nós pensamos fazer de Roma a cidade do nosso espírito, uma cidade depurada, desinfetada de todos os elementos que a corrompem e a conspurcam, pensamos fazer de Roma o coração possante, o espírito alacre da Itália imperial que sonhamos.

Alguém poderá objetar: "Sois vós dignos de Roma, tendes pernas, músculos, pulmões suficientemente fortes para herdar e transmitir os ideais dum império?" E é agora que os críticos sombrios teimam em ver sinais de incerteza no nosso organismo exuberante e jovem.

A DISCIPLINA FASCISTA

Fala-se do fenômeno do autonomismo fascista: e eu digo aos fascistas e aos cidadãos que este autonomismo não tem importância nenhuma. Não é um autonomismo de idéias ou de tendências. Tendências não as conhece o Fascismo. As tendências são o triste privilégio dos velhos partidos, que são associações comicieiras difundidas por todos os países, e que não tendo nada a fazer nem a dizer, acabam por imitar aqueles sórdidos sacerdotes do Oriente que discutiam todas as questões do mundo, enquanto Bizâncio soçobrava. As escassas, esporádicas tentativas de autonomia fascista ou estão liquidadas ou em via de liquidação, porque representam apenas desforras de índole pessoal.

Vamos a outro argumento: a disciplina. Eu sou pela mais rígida disciplina. Devemos impor a nós próprios a mais férrea disciplina, porque doutro modo não temos o direito de impô-la à Nação. E é só através da disciplina da Nação que a Itália poderá fazer-se sentir no concerto das outras nações. A disciplina deve ser aceite. Quando não é aceite, deve impor-se. Repudiamos o dogma democrático de que se deve agir eternamente por meio de prédicas, sermões e sermonetes de natureza mais ou menos liberal. Em dado momento é necessário que a disciplina se exprima por um ato de força e de comando. Eu o exijo, e não falo aos soldados da região friulana que são - permiti-me que o diga - perfeitos de sobriedade e compostura, de austeridade e seriedade na vida, mas aos fascistas da Itália inteira, que se porventura devem ter um

dogma, deve ser este, de nome único e claro: *disciplina!* Só obedecendo, só tendo o orgulho humilde mas sagrado de obedecer, se conquista depois o direito de comandar. Quando o trabalho estiver coordenado no vosso espírito, podeis então impô-lo aos outros. Antes disso, não. Que tomem nota disso os fascistas de toda Itália. Não devem interpretar a disciplina como uma exigência de ordem administrativa ou como temor dos chefes que receiam a insurreição dos soldados. Não, porque nós não somos chefes como os outros e as nossas forças não podem ter o nome de soldados. Somos uma milícia, mas justamente porque temos esta especial constituição, devemos fazer da disciplina o eixo supremo da nossa vida e da nossa ação.

SOBRE O TEMA DA VIOLÊNCIA

E chego agora ao tema da violência. A violência não é imoral. A violência é algumas vezes moral. Contestamos a todos os nossos inimigos o direito de se queixarem da nossa violência, porque comparada à que se praticou nos anos infaustos de 19 e 20, comparada à dos bolchevistas da Rússia, onde dois milhões de pessoas foram executadas e outros dois milhões jazem ainda nos cárceres, a nossa violência é uma brincadeira de crianças. Por outro lado, a violência é eficaz, porque em fins de julho e de agosto, em quarenta e oito horas de violência sistemática e aguerrida, obtivemos o que não tínhamos conseguido em quarenta e oito anos de discursos e de propaganda. Assim, quando ela resolve uma situação gangrenosa, a nossa violência é moralíssima, sacrossanta e necessária. Mas, ó amigos fascistas - e falo aos fascistas da Itália inteira - é necessário que a nossa violência possua caracteres específicos, fascistas. A violência de dez contra um é de repudiar e condenar. A violência que não se explica deve ser repudiada. Há uma violência que liberta e uma violência que acorrenta; há uma violência que é moral e uma violência que é estúpida e imoral. Há que adequar a violência às necessidades de momento, não fazer dela uma escola, uma doutrina, um desporto. É preciso que os fascistas evitem cuidadosamente estragar com rasgos de violência esporádica, individual, injustificada, as brilhantíssimas e esplêndidas vitórias dos primeiros dias de agosto. É isso que esperam os nossos inimigos, os quais, por certos episódios lamentáveis como os de Tarento, são levados a crer ou a esperar ou a ter a ilusão de que esta violência, quando já não tivermos alvo sobre que exercê-la, se torne de algum modo em segunda natureza, e a passemos a exercer sobre nós próprios, contra nós ou contra os nacionalistas. Ora os nacionalistas divergem de nós em certos problemas, mas a verdade é esta: que em todas as batalhas travadas os tivemos sempre a nosso lado.

O NOSSO SINDICALISMO

É possível que entre eles haja dirigentes, chefes que não vejam o Fascismo sob o aspecto pelo qual nós o vemos; mas há que reconhecer, proclamar e dizer que os camisas azuis em Gênova, em Bolonha, em Milão e em cem outras localidades estiveram ao lado dos camisas negras. Por isso é desagradabilíssimo o episódio de Tarento e eu espero que os dirigentes do Fascismo agirão de modo que isso não passe de um episódio isolado, a esquecer numa reconciliação local e numa afirmação de simpática e de solidariedade nacional.

Outro argumento pode prestar-se às esperanças dos nossos adversários: o argumento *multidão.* Vós sabeis que eu não adoro a nova divindade: a multidão, que é uma criação da democracia e do socialismo. Só pelo fato de serem muitos devem ter razão: - de

maneira nenhuma. Muitas vezes é o contrário que se verifica, quer dizer, é o número que se opõe à razão. Sempre a história demonstrou que minorias exíguas a princípio produziram profundas modificações na sociedade humana. Não adoramos a massa, mesmo quando ela possua nas mãos e no cérebro os mais sacrossantos calos: pelo contrário, trazemos a exame dos fatos sociais concepções e elementos novos, pelo menos, no ambiente italiano. Estas massas, não as podemos repudiar. Aproximavam-se de nós. Devíamos acolhê-las a pontapé? São sinceras? São insinceras? Vêm a nós por convicção ou por medo? Ou porque esperam obter de nós o que não obtiveram dos revolucionários socialistas? Pergunta quase ociosa porque ainda está por descobrir a maneira de penetrar no âmago dos espíritos. Tivemos que fazer sindicalismo e fazêmo-lo. Diz-se: "o nosso sindicalismo acabará por ser em tudo e por tudo semelhante ao sindicalismo socialista; pela força das coisas tereis que perfilhar a luta de classes".

Os democratas, uma parte dos democratas, aquela parte que parece ter o único objetivo de turvar as águas, continua em Roma a manobrar nesse sentido, em Roma, onde se imprimem demasiados jornais, muitos dos quais não representam nada e ninguém.

Contudo o nosso sindicalismo diverge do dos outros porque nós, por princípio nenhum, admitimos a greve nos serviços públicos. Somos pela colaboração das classes, especialmente num período, como o atual, de crise econômica agudíssima. Por isso procuramos fazer penetrar no cérebro dos nossos sindicados esta verdade e esta concepção. Mas é forçoso dizer, com a mesma sinceridade, que os industriais e os patrões não devem explorá-los, porque há uma limite além do qual não se pode passar: e esses mesmos industriais e patrões, numa palavra a burguesia, deve convencer-se que à Nação pertence também o povo que trabalha, e que não é possível imaginar-se a grandeza da Nação se esta massa que trabalha vive ociosa e inquieta; devem convencer-se de que o fim do Fascismo é fazer dela um todo orgânico adentro da Nação, para a possuir amanhã, quando a Nação tiver necessidade dela, da mesma maneira que o artista precisa de matéria bruta para forjar as suas obras primas. Só com essa massa integrada na vida e na história da Nação poderemos fazer uma política externa.

POLÍTICA EXTERNA

Eis-nos chegados ao tema que, neste momento, é de grandíssima atualidade. É evidente que no fim da guerra não se soube fazer a paz. Dois caminhos se abriam: ou a paz da espada ou a paz duma justiça aproximativa. Em vez disso, sob a influência duma deletéria mentalidade democrática, não se fez a paz da espada, ocupando Berlim, Viena, Budapeste, e menos ainda se fez a paz que se aproximasse da justiça.

Os homens, muitos deles ignorantes da história e da geografia (e parece que estes famosos técnicos, a quem podemos chamar em italiano *periti*, não souberam avaliar-lhes a importância, ao comporem e recomporem a carta geográfica da Europa) disseram: "Desde que os turcos incomodam a Inglaterra, suprima-se a Turquia. Desde que a Itália, para tornar-se uma potência mediterrânea, deve fazer do Adriático seu golfo interior, negue-se à Itália as suas justas reivindicações adriáticas". E o que sucede então? Sucede que o tratado mais periférico é naturalmente feito em pedaços antes dos outros. Mas coma sempre acontece na construção destes tratados, que estão sempre em relação uns com os outros, o fato de se quebrar, de se esfarrapar o Tratado de Sèvres conduz à eventualidade de perigarem também todos os outros.

A Inglaterra, a meu ver, mostra não ter já uma classe política à altura da situação. De fato, vós vedes que há quinze anos a esta parte a política inglesa está personificada num só homem. Não foi possível ainda substituí-lo. Lloyd George que, no dizer daqueles que o conhecem intimamente, é um advogado medíocre, representa a política inglesa há bem três lustros! A Inglaterra também neste momento revela a mentalidade mercantil dum império que vive dos seus rendimentos e detesta qualquer esforço de sua iniciativa que lhe custe sangue. Apela para os Domínios, para a Iugoslávia e para a Romênia. Por outro lado, se as coisas se complicam neste sentido, vereis despontar o eterno e indestrutível cossaco russo, que muda de nome, mas não muda de alma. Quem armou a Turquia de Kemal Pachá? A França e a Rússia. Quem pode armar a Alemanha do futuro? A Rússia. Afortunadamente, para atingir os objetivos da nossa política externa, ao lado dum exército de tradições gloriosíssimas, o exército nacional, está o exército fascista.

UMA "CARTA" FORMIDÁVEL

Era preciso que os nossos ministros dos estrangeiros soubessem jogar também esta carta, a lançassem no pano verde e dissessem: "Cuidado, que a Itália, custe a quem custar, já não faz uma política de renúncia ou de vileza!"

Digamos ainda que, enquanto nos outros países se começa a fazer uma idéia clara da força que o Fascismo italiano representa, também em matéria de política externa os nossos ministros continuam na atitude de homens que sucumbem. Perguntam qual é o nosso programa. Já respondi a esta pergunta, que pretendia ser insidiosa, numa pequena reunião em Levanto perante trinta ou quarenta fascistas e nunca supus que o meu breve discurso, aquele discurso familiar, viesse a ter uma repercussão tão grande.

O NOSSO PROGRAMA

A CRISE DO ESTADO LIBERAL

O nosso programa é simples: queremos governar a Itália. Pergunta-se: "Programas?" Mas de programas estamos nós fartos. Não são os programas de salvação que faltam à Itália: - são os homens e a vontade! Não há italiano que não possua ou não julgue possuir o método seguro de resolver alguns dos mais aflitivos problemas da vida nacional. Mas eu creio que todos vós estais convencidos de que a nossa classe política é deficiente. A crise do Estado liberal está documentada nessa deficiência. Fizemos uma guerra magnífica no ponto de vista do heroísmo individual e coletivo. Depois de terem sido soldados, os italianos em 18 tornaram-se guerreiros.

Peço que noteis esta diferença essencial.

Mas os nossos políticos conduziram a guerra como teriam conduzido um negócio de administração vulgar. Estes homens que todos nós conhecemos, e cuja imagem física trazemos no pensamento, apresentaram-se fracos, impotentes, cansados e vencidos.

Não nego, na minha absoluta objetividade, que esta burguesia a que se pode chamar *giolittiana*, não tenha os seus méritos. Tem-nos, certamente. Mas hoje que a Itália fermenta com Vittorio Veneto, hoje que esta Itália se sente exuberante de vida, de entusiasmo, de paixão, estes homens habituados sobretudo às mistificações parlamentares parecem de uma estatura inferior aos acontecimentos. E agora, há que defrontar o problema: "Como substituir esta classe que praticou sempre nos últimos tempos uma política de abdicação diante daquele fantoche cheio de vento que era o social-putchismo italiano?"

Eu creio que a substituição se torna necessária e quanto mais radical, melhor. Indubitavelmente o Fascismo que amanhã tomará nos seus braços a Nação - quarenta milhões, ou antes, quarenta e sete milhões de italianos - assume uma tremenda responsabilidade. Muitos serão os desiludidos, porque desilusões há-as sempre, quer antes quer depois, quer se faça alguma coisa quer se não faça.

Amigos! Como a vida dos indivíduos, a vida dos povos comporta uma parte de riscos. Não se pode pretender sempre caminhar nos dois "rails" da normalidade quotidiana. Em dado momento é necessário que homens e partidos tenham a coragem de assumir a responsabilidade de fazer uma grande política, de por à prova as suas forças. Há riscos; podem sucumbir. Mas há tentativas falhadas que bastam, no entanto, para enobrecer e exaltar para toda a vida a consciência dum movimento político, do Fascismo italiano.

A QUESTÃO DO REGIME

Tencionava fazer este discurso em Nápoles, mas creio que em Nápoles terei outros temas a tratar. Não tardemos em entrar no terreno delicado e escaldante do Regime. Muitas das polêmicas que as minhas tendências provocaram estão hoje esquecidas e todos se convenceram de que essas tendências não foram coisa de improviso: representavam, pelo contrário, um determinado pensamento. É sempre assim. Certas atitudes parecem improvisos ao grande público, que, desprevenido, não é obrigado a seguir as transformações lentas, subterrâneas, dum espírito inquieto e desejoso de aprofundar, sempre sob novos aspectos, determinados problemas. Mas esse trabalho íntimo é por vezes trágico. Não julgueis que os chefes do Fascismo não tenham consciência desta tragédia individual, que é sobretudo uma tragédia nacional. Essas famosas tendências republicanas deviam ser uma espécie de tentativa de separação de muitos elementos que vieram até nós somente porque tínhamos vencido. Estes elementos não ficaram satisfeitos. Gente que vai sempre atrás do carro do triunfador e está disposta a mudar de bandeira logo que os ventos mudam é gente de quem o Fascismo deve sempre suspeitar e que deve manter debaixo da mais severa vigilância.

É possível - este é o problema - uma profunda transformação do nosso regime político sem tocar nas instituições monárquicas? Quer dizer, é possível renovar a Itália sem pôr em jogo a monarquia? E qual a atitude do grosso do Fascismo em face das instituições políticas?

A nossa atitude em face das instituições políticas não é, em sentido nenhum, uma atitude de compromisso. No fundo, os regimes perfeitos só existem nos livros dos filósofos. Por mim, penso que a aplicação, ponto por ponto, das teorias de Platão teria sido

desastrosa para a cidade grega. Um povo que vive feliz sob a forma republicana jamais pensará em ter um rei. Um povo que não está habituado à república aspirará ao regresso à monarquia. Quis-se colocar à força no crânio quadrado dos alemães o barrete frígio; mas os alemães odeiam a república, e no fato de ter sido imposta pela *Entente* e de se ter tornado numa espécie de "ersatz", encontram eles mais um motivo de aversão àquele regime.

Logo, as formas políticas não podem ser aprovadas ou desaprovadas sob o ponto de vista da eternidade, antes devem ser examinadas no ponto de vista das suas relações diretas com a mentalidade, a economia, as forças espirituais dum determinado povo (Uma voz grita: *"Viva Mazzini!"*). Isto em princípio geral. Ora eu penso que se pode renovar profundamente o regime, deixando de lado as instituições monárquicas. No fundo - e refiro-me ao grito do nosso camarada - o próprio Mazzini, republicano, chefe duma doutrina republicana, não julgou incompatíveis as suas doutrinas com o pacto monárquico da unidade italiana. Tolerou-o, aceitou-o. Não era o seu ideal; mas nem sempre pode encontrar-se o ideal.

MONARQUIA

E REVOLUÇÃO FASCISTA

Deixaremos, pois, de lado, fora do nosso fogo que terá alvos diferentes, bem mais visíveis e formidáveis, a instituição monárquica. Pensamos mesmo que grande parte da Itália veria com desconfiança uma transformação do regime. Teríamos talvez o separatismo regional, visto que sempre assim sucede. Muitos, que são hoje indiferentes em face da monarquia, seriam amanhã simpatizantes favoráveis e encontrariam motivos sentimentais respeitáveis para atacar o Fascismo, se ele tivesse ferido esse alvo.

Penso que a monarquia não tem interesse em hostilizar o que já deve chamar-se a Revolução Fascista. Não lhe convém, porque se o fizesse transformar-se-ia subitamente em alvo que não poderíamos respeitar, já que para nós seria questão de vida ou morte. Quem simpatizar conosco não pode ocultar-se na sombra, deve permanecer em plena luz. É preciso ter a coragem de ser monárquico. Porque seríamos nós republicanos? Em certo sentido porque vemos um monarca que o não é suficientemente. A monarquia representaria então a continuidade histórica da Nação - missão belíssima, missão de importância histórica incalculável.

Por outro lado, é necessário evitar que a Revolução Fascista ponha tudo em jogo. Temos que conservar alguns pontos firmes, sólidos, a fim de não dar ao povo a impressão de que tudo é abalado, tudo deve recomeçar; porque então a onda de entusiasmo do primeiro momento poderia suceder a onda de pânico do segundo e talvez ondas sucessivas capazes de subverter a primeira. Assim, as coisas ficam claras: - trata-se de demolir toda a estrutura social-democrática!

O ESTADO QUE NÓS QUEREMOS

Teremos um Estado que faça este simples raciocínio: "O Estado não representa um partido, representa a coletividade nacional, abrange tudo, supera tudo, protege tudo e procederá contra todo aquele que atentar contra sua soberania imprescritível".

Eis o Estado que deve sair da Itália de Vittorio Veneto. Estado que não dê razão ao mais forte; Estado diferente do liberal, que em cinqüenta anos não soube criar uma tipografia para ter um jornal seu, no caso duma greve geral dos tipógrafos; Estado que não esteja à mercê da onipotência socialista, da defunta onipotência socialista; Estado que não proclame que os problemas se resolvem no ponto de vista unicamente político. Porque as metralhadoras não bastam se o espírito não as faz cantar.

Toda a armadura do Estado desaba como um cenário gasto de opereta, quando não existe a consciência íntima dum dever ou duma missão a cumprir. Esta a razão porque queremos despojar o Estado de todos os seus atributos econômicos. Basta de Estado ferroviário, de Estado telégrafo-postal, de Estado segurador! Estamos fartos dum Estado que, exercendo as suas funções à custa das despesas de todos os contribuintes italianos, agrava assim o esgotamento das exaustas finanças do Estado! Ficar-lhe-á a polícia, que protege os homens bons dos atentados, dos ladrões e dos delinqüentes; ficar-lhe-á a educação das novas gerações; ficar-lhe-á o exército, que há de garantir a inviolabilidade da Pátria e finalmente a política externa.

E não se diga que assim despojado, o Estado fica muito restringido nas suas funções. Não! Conserva ainda muita coisa. Abdica de todo o domínio da matéria para tomar conta do domínio dos espíritos.

AOS AMIGOS E AOS ADVERSÁRIOS

E que não bastasse esta nossa mentalidade: há ainda o nosso método, a atividade cotidiana que tencionamos não esquecer: apenas procuraremos vigiá-la, para que não haja exageros, para que não transcenda e não prejudique o Fascismo. Ao pronunciar estas palavras faço-o com intenção. Se o Fascismo fosse um movimento como todos os outros, os gestos dos indivíduos ou dos grupos seriam de importância relativa; mas nós demos ao nosso movimento a flor dum sangue vermelho. Lembremo-nos disto em frente do autonomismo e da indisciplina. Há que pensar nos mortos de ontem. Há que pensar que esse autonomismo e essa indisciplina podem excitar também os mais baixos instintos da besta "social-putschista", hoje vencida, esgotada, mas que oculta ainda secretos propósitos de desforra. Atalharemos esses propósitos com a ação coletiva e o gume da nossa espada! No fundo os romanos tinham razão: "Se queres a paz, prepara a guerra". Quem não está preparado para a guerra, não tem a paz, tem o temor e a derrota!

Por isso dizemos a todos os nossos adversários: "Não basta içar muitas bandeiras tricolores nos vossos refúgios e círculos vinícolas. Queremos ver-vos à prova. Será preciso submeter-vos um pouco a uma espécie de quarentena, política e espiritual. Os vossos chefes, que ainda poderiam contaminar-vos, serão postos em condições de não poderem fazer mal". Só assim, evitando cair no preconceito da quantidade, conseguiremos salvar a qualidade e a alma de nosso movimento, que não é efêmero e transitório porque dura há quatro anos e quatro anos, neste século tempestuoso, equivalem a quarenta. O nosso movimento está ainda na pré-história, em via de

desenvolvimento: a história começa amanhã! O que o Fascismo fez até aqui é obra negativa; agora é preciso construir. Assim se preparará a sua nobreza, assim se prepararão a sua força e a sua alma!

Amigos, estou certo de que os chefes do Fascismo e as suas hostes cumprirão o seu dever! Antes de nos lançarmos a grandes empresas, façamos a seleção inexorável das nossas fileiras. Não podemos levar bagagens; somos um exército de vélites, com uma retaguarda de bravos territoriais. Mas não queremos no nosso seio elementos infiéis.

Saúdo Udina, esta querida e velha Udina a que me ligam tantas recordações. Pelas suas estradas largas passaram gerações e gerações de italianos que eram a flor purpúrea da nossa raça. Muitos desses jovens dormem agora o sono de que se não desperta, nos pequenos, isolados cemitérios dos Alpes ou das margens do Isonzo, que a guerra fez o rio sagrado da Itália. Habitantes de Udina, fascistas, italianos, recolhei o espírito pensando nos nossos nunca esquecidos mortos e no espírito ardente da Pátria imortal!

DISCURSO DE CREMONA

24 DE SETEMBRO DE 1922

***Principi!* Triários! Avanguardistas!**
Balilas! Mulheres fascistas! Povo
trabalhador de Cremona e província!

A realidade ultrapassou, como algumas vezes acontece, as mais lisonjeiras esperanças. A vossa assembléia, fascistas de Cremona, é a mais solene de todas a que tenho assistido! Vim até vós não para pronunciar um discurso, pois que a eloqüência provoca sempre em mim um sentimento irresistível de enfado; vim para exprimir-vos pessoalmente a minha solidariedade, que vai do vosso magnífico chefe Roberto Farinacci ao último esquadrista. Aqui, em tempos que podem já dizer-se remotos, agitaram-se as grandes idéias; aqui nasceu uma democracia que teve o seu período de esplendor, antes de ser calcada aos pés do "social-putschismo". E apesar do nobre desacordo que nos separou depois da guerra, eu não posso deixar de recordar uma grande figura da vossa terra, fecunda em searas e em espíritos: falo de Leonidas Bissolati.

Aqueles que, por informações falsas e tendenciosas, falam duma escravatura agrária, deveriam vir ver com seus próprios olhos esta multidão de autênticos trabalhadores, de gente do povo, de ombros, de pernas e de braços bastante sólidos para sustentar a fortuna sempre maior da Pátria.

Só canalhas e criminosos podem chamar-nos inimigos das classes laboriosas, a nós, que somos filhos do povo; a nós, que conhecemos a rude fadiga dos braços; a nós, que temos sempre vivido entre gente de trabalho, infinitamente superior a todos os falsos profetas que pretendem representá-la! Mas justamente porque somos filhos do povo, não queremos enganar o povo; não queremos mistificá-lo, prometendo-lhe coisas irrealizáveis; tomamos simplesmente o compromisso solene e formal de o proteger nas reivindicações dos seus justos direitos e dos seus legítimos interesses.

Vendo passar as vossas tropas, disciplinadas, ferventes de energia e de paixão; vendo passar os pequenos balilas que representam a verdura primaveril da vida; os esquadristas, em plena juventude; finalmente os homens sólidos, viris, depois os velhos, eu digo que a gama da raça é perfeita quando abraça todas as idades, da primeira à última da vida.

Pois bem fascistas, *principi* e triários! Grandes deveres nos esperam. O que fizemos é bem pouco em relação ao que temos a fazer. Há já um contraste vivo, dramático, cada vez mais palpitante de atualidade entre uma Itália de politicantes imbecis e a Itália sã, forte, vigorosa, que se prepara para dar o golpe definitivo em todos os insuficientes, em todos os velhacos, em todos os intrujões, em toda a escória infecta da sociedade italiana!

Não se iludam os nossos adversários. Supunham no ano infausto de 19, quando nós, aqui em Cremona e em toda a Itália, éramos apenas um punhado de homens, supunham eles para iludir a sua vileza, que o Fascismo seria um fenômeno passageiro. Pois bem, o Fascismo vive há quatro anos e tem diante de si tarefa bastante para encher um século. Não se iludam os adversários, não julguem poder destruir o nosso bloco, que havemos de tornar ainda mais compacto, mais disciplinado, mais militar, pronto a todas as eventualidades; porque, ó amigos, se necessário for um golpe resoluto, todos, do primeiro ao último - e ai dos desertores e dos traidores que serão punidos - todos, do primeiro ao último, terão de cumprir o seu dever! Em suma, queremos que a Itália se torne fascista!

Isto é simples. Isto é claro. Nós queremos que a Itália se torne fascista, porque estamos fartos de vê-la governada no interior por princípios e por homens que oscilam continuamente entre a negligência e a vileza; e estamos, sobretudo, fartos de vê-la considerada no estrangeiro como uma quantidade desprezível.

Que emoção a nossa ouvirmos os acordes da Canção do Piava! É que o Piava não significa um fim: significa um começo. É pelo Piava; é por Vittorio Veneto; é pela Vitória - embora mutilada pela diplomacia covarde, mas apesar disso Vitória gloriosíssima -; é por Vittorio Veneto que marcham os nossos galhardetes! É das margens do Piava que parte a nossa marcha, que não pode deter-se antes de alcançar a meta suprema: Roma! E não há obstáculos, nem homens, nem coisas que nos possam deter!

E agora, povo fascista de Cremona, quero agradecer-vos o acolhimento que me tributastes. Agrada-me pensar que não são para mim as honras, mas para as idéias, para a nossa causa, belo sangue rubro da melhor juventude italiana. Aceitai, ó povo de Cremona, os meus agradecimentos, cordiais e fraternos! Abraçando o meu velho e fiel amigo Farinacci, abraço todo o Fascismo de Cremona ao grito de "Viva o Fascismo! Viva a Itália!"

DISCURSO À "SCIESA" DE MILÃO

05 DE OUTUBRO DE 1922

HOMENAGEM AOS MORTOS

Acedi a vir falar esta noite ao Grupo "Sciesa" por uma tríplice ordem de motivos: um motivo sentimental, um motivo pessoal e um motivo político. Um motivo sentimental, porque quero prestar o meu testemunho de admiração e de devoção profunda aos nossos Mortos nunca esquecidos, Melloni, Tonoli e Crespi: os dois primeiros da nossa *esquadra*, o terceiro da "Sauro". Recordo-os perfeitamente. Aceitei ainda o convite pelo caráter que o Grupo quis dar a esta celebração. Finalmente, dada a expectativa geral que tem suspensos os ânimos de todos os italianos no presságio de qualquer acontecimento eminente, não quero deixar de aproveitar a ocasião de esclarecer alguns pontos de vista - esclarecimentos necessários no tormentoso período que atravessamos.

Sentis, a julgar pela vossa atitude austera e silenciosa, que se a matéria é corruptível, o espírito é imortal.

Sentis, esta noite, que nesta pequena sala paira ainda o espírito dos nossos Mortos. Estão presentes. Sentimos a sua presença, que a alma não pode morrer. E caíram no ato mais heróico levado a cabo pelo Fascismo italiano nos quatro anos de sua história.

Muitas vezes, quando os fascistas se precipitavam a destruir a ferro e fogo os covis da vil, miserável, delinqüência social-comunista, só viam as costas dos adversários em fuga; mas os esquadristas da "Sciesa", os dois mortos que agora recordamos e todos os esquadristas do Fáscio milanês lançaram-se ao assalto do *Avanti!* como se teriam lançado ao assalto duma trincheira austríaca. Tiveram de transpor muros, destruir vedações, arrombar portas, afrontar chumbo derretido que os assaltados fundiam com as armas. Isto é heroísmo! Isto é violência! Esta é a violência que eu aprovo e exalto! Esta é a violência do Fascismo milanês! E o Fascismo italiano - falo aos fascistas de toda a Itália - deveriam fazê-la sua!

Não a mesquinha violência individual, esporádica, quase inútil, mas a grande, a bela, a inexorável violência das horas decisivas.

É necessário, no momento próprio, ferir com a máxima decisão e a máxima inexorabilidade. Não julgueis que me obscurecem a visão os sentimentos de fortíssima simpatia que tenho pelo Fascismo milanês: falo assim, sobretudo, pelo amor que consagro à nossa causa.

Quando uma causa é santificada por tanto sangue puríssimo de jovens, essa causa não pode vir a ser de modo nenhum enlameada.

Heróicos foram os nossos amigos! Os seus feitos guerreiros, a sua violência santa e moral! Exaltamo-los, recordamo-los; vingá-los-emos! Não podemos aceitar a moral humanitária, a moral tolstoiana, a moral dos escravos. Nós, em tempo de guerra, adotamos a fórmula socrática: Exceder no bem os amigos, exceder no mal os inimigos!

NAÇÃO E ESTADO

A nossa linha de conduta é corretíssima. Quem faz o bem, terá o bem; quem faz o mal, terá o mal. Os nossos inimigos não podem lamentar-se, sendo inimigos, por serem tratados duramente, como duramente devem ser tratados os inimigos. Estamos num período histórico de crise, cujo movimento todos os dias se acelera. A greve geral, esmagada pelo sangue sacrificado dos fascistas, é um episódio que se enquadra na crise geral.

O desacordo é entre a Nação e o Estado. A Itália é uma Nação. A Itália não é um Estado. A Itália é uma Nação, porque dos Alpes à Sicília há uma unidade fundamental de costumes; há unidade fundamental de língua, de religião. A guerra de 15 a 18 consagra todas estas unidades; e se estas unidades formidáveis bastam para caracterizar a Nação, a Nação italiana existe: cheia de esperanças, potentíssima, lançada para um destino glorioso.

Mas à Nação deve dar-se um Estado - e o Estado não existe. O jornal que hoje representa o liberalismo em Itália - o jornal mais espalhado e que por isso algumas vezes tem feito mal aos italianos sustentando teses absurdas - observava que em Itália há dois governos, e havendo dois, um é demais: O Estado de ontem e o Estado de hoje. "É preciso um Governo", dizia hoje o *Corriere della Sera*. Estamos de acordo. É preciso um Governo.

O ENSINAMENTO DE DOIS EPISÓDIOS

São da atualidade dois episódios sintomáticos que demonstram que o Estado fascista é infinitamente mais perfeito que o Estado liberal e que portanto o Estado fascista é digno de lhe receber a herança. Dois episódios: um em que entra a piedade, outro em que entra a lei.

Em S. Terêncio de Spezia, se os mortos estão todos sepultados, se os feridos foram levados ao hospital, se a região está limpa de ruínas, se os móveis e os bens estão a coberto de atentados dos chacais humanos, se S. Terêncio vier a renascer, se o rancho foi distribuído aos soldados à hora própria, isso se deve ao Estado fascista. E o síndico de Lerici - que não é fascista - não é a Facta que envia um telegrama, transbordante de reconhecimento: é a Mussolini, como tereis sabido pelo *Popolo d'Italia*.

Aqui estamos no campo da piedade, da solidariedade nacional e humana.

Vejamos em Bolzano. Estamos no campo da lei e do direito italiano. Quem a tutelou? O Fascismo! Quem impôs a italianidade numa cidade que deve ser italiana? O Fascismo! Quem expulsou esse Perathoner que durante quatro anos manteve em sobressalto cinco ministérios italianos? O Fascismo, que deu uma escola aos italianos, um sentido de dignidade aos italianos no Alto Ádige! Quem colocou o busto do Rei na escola oficial (o Rei, ao passar por Bolzano, tinha-se esquecido: evidentemente não se ocupava disso)? O Fascismo!

Estão os alemães maravilhados e atônitos ao verem diante de si a juventude fascista que é bela fisicamente e moralmente magnífica. Estes alemães, que povoam abusivamente o território italiano, têm um ar de quem pergunta: "Que Itália é esta?" Nós respondemos: Vós, alemães, através dos ministérios da derrota e da má paz, estáveis habituados à Itália de Abba Garima; deveis familiarizar-vos com a Itália de Vittorio Veneto, que é uma Itália de qualidades, de força, de energia; uma Itália que diz: *"Em Brenner estamos e aqui ficaremos! Não queremos ir a Innsbruck; mas não julgueis que a Alemanha e a Áustria possam voltar jamais a Bolzano!"*

É este o Estado fascista que se revela aos olhos dos italianos em dois momentos típicos da crônica atual; o desastre de S. Terêncio e a ocupação fascista de Bolzano.

PELA ITÁLIA DE AMANHÃ

Perguntam os cidadãos: "Qual é o Estado que acabará por ditar a lei aos italianos?" Não temos dúvida em responder: "O Estado fascista!".

O *Corriere della Sera* diz: "É preciso agir depressa!" Estamos de acordo! Uma Nação não pode viver com dois Estados no seio, dois Governos, um de fato, outro de direito. Mas que caminhos se hão de seguir para dar um Governo à Nação? Dissemos Governo; mas por Estado entendemos qualquer coisa mais. Entendemos o espírito e não apenas a matéria inerte e efêmera! Há dois meios, meus senhores: se em Roma não estão ainda de todo amolecidos, deveriam convocar a Câmara em princípios de novembro, fazer votar a reforma da lei eleitoral, convocar o povo para Dezembro, porque a crise do ministério Facta, como diz o *Corriere*, não modificará a situação.

Haja trinta crises no Parlamento italiano, como hoje sucede, e tereis trinta reencarnações do senhor Facta. Se o Governo, senhores, não tomar esse caminho, ver-nos-emos constrangidos a optar por outro. Vede como o nosso jogo é claro. Não se julgue que quando se quer assaltar um Estado, tudo se pode passar sem conspiraçõezinhas secretas. Temos de dar ordens a centenas de milhares de pessoas e pretender guardar segredo seria a mais absurda das pretensões e das esperanças. Jogamos a descoberto até o ponto em que o jogo possa conservar-se descoberto. E dizemos: Há uma Itália que vós, governantes liberais, não podeis compreender! Não a compreendeis pela vossa mentalidade atrasada, não a compreendeis pelo vosso temperamento estético, não a compreendeis porque a política parlamentar vos secou o espírito! A Itália que vem das trincheiras é uma Itália forte, uma Itália impetuosa e cheia de vida!"

O FASCISMO EM FACE

DA BURGUESIA E DO PROLETARIADO

É uma Itália que quer iniciar um novo período da história. Entre a Itália de ontem e a nossa Itália, há portanto um contraste plástico, dramático.

O choque parece inevitável. Trata-se de preparar as nossas forças, os nossos valores e energias, de coordenar os nossos esforços para que embate nos dê a vitória de que não duvidamos.

O Estado liberal é hoje uma máscara detrás da qual não há um rosto. Ë uma fachada sem edifício. Há forças aparentes, dentro das quais não existe o espírito. Todos os que deveriam ser os sustentáculos deste Estado, sentem que se atingiram os extremos limites da vergonha, da impotência e do ridículo. Por outro lado, como já disse em Udina, não queremos pôr tudo em jogo, porque não nos apresentamos como redentores do gênero humano, nem prometemos nada de extraordinário aos italianos. Pelo contrário, pode ser que tenhamos de impor aos italianos uma disciplina mais dura e maiores sacrifícios. Imporemos essa disciplina e esse sacrifício tanto à burguesia como ao proletariado, porque, se o proletariado está infectado, a burguesia está-o ainda mais. Há um proletariado que merece ser castigado para depois se lhe dar possibilidades de redenção; há uma burguesia que nos detesta, tenta lançar a confusão nas nossas fileiras, paga a todas as folhas que colaboram na obra de calúnia antifascista; uma burguesia que, até ontem, se rojava ignobilmente aos pés das forças anti-nacionais; uma burguesia para a qual não teremos um gesto de piedade!

Estamos cercados de inimigos: inimigos manifestos e ocultos. Os inimigos manifestos vivem nos chamados partidos subversivos, que agora se especializam na cilada e na emboscada assassina.

UM AVISO

Há inimigos ambíguos que à sombra da bandeira tricolor e à sombra doutras semelhantes procuram ferir de morte o movimento fascista, insinuando-se nas nossas fileiras, criando simulacros de organismos para debilitarem o nosso próprio movimento, precisamente na fase em que é necessário conservá-lo mais compacto e unido.

Forçoso é dizer que se não temos compaixão por aqueles que atacam a descoberto, também a não teremos pelos que nos atacam a ocultas. Quando no relógio da história soam as grandes horas, é preciso falar com simplicidade, com dureza, com secura e lealdade.

Não temos grandes obstáculos a superar, por que a Nação aguarda, a Nação espera em nós. A Nação sente-se representada por nós. Certamente não podemos prometer a árvore da liberdade plantada nas praças públicas: não podemos dar liberdade aos que a aproveitariam para nos assassinarem. Nisso reside a estupidez do estado liberal, que dá liberdade a

todos, mesmo àqueles que dela se servem para o abater. Não daremos essa liberdade, nem mesmo que o pedido dessa liberdade viesse envolto num papel velho, com as cores desbotadas dos imortais princípios!

Enfim, não são os sofismas eleitorais que nos separam da democracia. O povo quer votar? Que vote! Votemos até o tédio, até a imbecilidade! Ninguém quer suprimir o sufrágio universal.

A POLÍTICA QUE CONVÉM

Faremos, todavia, uma política de severidade e de reação. Estes termos não nos amedrontam. Se os organismos representativos da democracia nos chamam de reacionários, não nos sentimos ofendidos, porque o que nos separa da democracia é a mentalidade, é o espírito.

A história não é um itinerário obrigatório. A história é feita de contrastes; não há séculos de inteira luz e séculos de inteira treva. Não se pode transportar o Fascismo para fora de Itália, como não se pode transportar o bolchevismo para fora da Rússia.

Dividamos os italianos em três categorias: os *indiferentes*, que ficarão em casa à espera, os *simpatizantes*, que poderão circular livremente, e finalmente os *inimigos*, que não circularão.

Não prometemos nada de extraordinário. Não assumiremos atitudes de missionários portadores da verdade revelada. Não creio que os inimigos nos levantem obstáculos sérios. Estão por terra as doutrinas subversivas. Vede o congresso de Roma. Causa dó! Quando o *leader* dum congresso é um Buffoni qualquer, como aquele advogado de Busto ou de qualquer outra parte, compreendereis que chegamos ao último degrau da escala! Havia um socialismo. Hoje há quatro, com tendências para aumentar. E, o que é mais, cada um deles pretende ser o representante do autêntico socialismo! O proletariado não pode dispersar-se. Está desconfiado, despreza a atitude dos socialistas. Eu já disse, aliás, que o socialismo não só falhou como partido: falhou como filosofia e como doutrina. Os italianos, em geral os ocidentais, procuram hoje estoirar com o aguilhão da lógica e da crítica as bexigas inchadas do socialismo internacional.

Vistas as coisas no seu aspecto histórico, talvez seja uma luta entre o Oriente e o Ocidente: entre o velho Oriente, caótico, resignado (veja-se a Rússia) e nós, povo ocidental, que não nos deixamos arrastar excessivamente pelos vôos da metafísica e estamos ligados à dura e concreta realidade.

FUGIR DAS IMITAÇÕES!

Os italianos não podem por muito tempo deixar-se mistificar pelas doutrinas asiáticas, absurdas e criminosas nas suas aplicações práticas e concretas. Este é o sentido do fascismo italiano, que representa uma reação contra o andaço democrático para o qual

tudo devia ser cinzento, medíocre, uniforme, nivelador: que, desde o chefe de Estado até o último oficial de justiça, tudo faz para atenuar, dissimular, tornar fugaz e inconsistente a autoridade do Estado. Desde o Rei, demasiadamente democrático, até o último funcionário, temos sofrido as conseqüências desta concepção falsa da vida. A democracia julgava tornar-se querida das massas populares e não compreendeu que essas massas populares desprezam todos os que não têm coragem de ser o que devem ser. A democracia roubou o “estilo” à vida popular. O Fascismo restitui-lhe esse estilo, isto é, uma linha de conduta; quer dizer, a cor, a força, o pitoresco, o inesperado, o místico; em suma, tudo o que existe na alma das multidões. Ferimos todas as cordas da lira: desde a da violência à da religião, desde a da arte à da política. Somos políticos e somos guerreiros. Fazemos sindicalismo e travamos combates nas praças e nas ruas. Assim é o Fascismo, tal como foi concebido e como foi e é praticado, sobretudo em Milão!

É necessário, amigos, manter este privilégio: manter sempre o Fascismo magnífico nesta linha maravilhosa de força e sabedoria. Não vos abandoneis às imitações, pois o que é possível em dada região agrícola, em dado momento e ambiente, não é possível em Milão. Aqui a situação transformou-se mais por maturação espontânea dos acontecimentos que pela violência dos homens ou das coisas. Aqui o nosso domínio afirma-se, sempre mais sólido, mais seguro, mais efetivo. E agora, amigos, preparemo-nos com ânimo puro, forte, livre de preocupações para a obra que nos espera! Amanhã, é muito provável, quase certo, teremos sobre os ombros todo o edifício formidável do Estado moderno! Não estará apenas sobre os ombros de alguns, mas sobre os ombros de todo o Fascismo italiano!

PARA MAIS GLORIOSOS DESTINOS

Milhões de olhos - malévolos às vezes -, milhões de homens olham para nós, de além fronteiras. E querem ver como funcionam os nossos quadros; querem ver como se administrará justiça no Estado fascista, como se protegem os homens de bem, como se faz a política externa, como se resolvem os problemas pedagógicos, os problemas da expansão e os do exército. E todo aquele que cair em falta refletirá a sua falta e a sua vergonha sobre toda a hierarquia do Estado e, necessariamente, sobre o Fascismo.

Tendes, amigos, o sentimento exato dos deveres formidáveis que nos esperam? Estais preparados espiritualmente para este passo? Acreditais que o entusiasmo, só por si, seja suficiente? Não basta! No entanto, ele é necessário, porque o entusiasmo é uma força primitiva e fundamental do espírito humano. Nada de grandioso poderemos realizar, se não nos sentimos em estado de paixão amorosa, em estado de misticismo religioso. Mas não basta ainda! Ao lado do sentimento existem as forças raciocinantes do cérebro. Creio que o fascismo, na crise geral de todas as forças da Nação, tem os requisitos necessários para impor-se e para governar, não segundo a demagogia, mas segundo a justiça. E então, governando bem a Nação, dirigindo-a para os seus gloriosos destinos, conciliando os interesses das classes, tendo cuidado em não exasperar os ódios de uns e os egoísmos doutros, projetando os italianos como uma força única para a sua missão universal, fazendo do Mediterrâneo o nosso mar, aliando-se com os que vivem no Mediterrâneo e expulsando os que no Mediterrâneo são parasitas; completando esta obra dura, paciente, de linhas ciclópicas, inauguraremos verdadeiramente um período grandioso da história italiana!

Recordemos, por isso, os nossos Mortos, honremo-los, inscrevamo-los no livro d'ouro da Aristocracia fascista!

Indiquemos os Seus nomes às novas gerações, às crianças que despontam e representam a primavera da vida em renovo eterno. Diremos: "Grande foi o esforço, duro o sacrifício, puríssimo o sangue vertido; vertido, não para salvaguardar interesses de indivíduos, de castas ou de classes; vertido, não em nome da matéria, mas em nome duma idéia; em nome do espírito, em nome de quanto de mais nobre, de mais belo, de mais generoso, de mais fulgurante pode conter uma alma humana! Por isso vos pedimos que todos os dias recordeis os nossos Mortos, com o vosso exemplo; sede dignos do Seu sacrifício; fazei quotidianamente o vosso exame de consciência!". Amigos, confio em vós!

Confiai também em mim! Neste pacto mútuo e leal está a garantia, a certeza da vossa vitória! Viva a Itália! Viva o Fascismo! Honra e glória aos nossos Mártires!

DISCURSO DE NÁPOLES

24 DE OUTUBRO DE 1922

FASCISTAS! CIDADÃOS!

Pode dar-se o caso, é mesmo quase certo, que o meu gênero de eloqüência determine em vós um sentimento de desilusão, em vós que estais habituados à impetuosidade imaginativa e rica da vossa oratória. Mas, já que vi ser possível estrangular a eloqüência, achei necessário reduzi-la às suas linhas esquemáticas e essenciais.

Viemos a Nápoles de todos os pontos de Itália para cumprir um rito de fraternidade e de amor. Conosco estão aqui os irmãos do traído litoral dálmata que não quer render-se; estão aqui os fascistas de Trieste, da Ístria, da Venécia Tridentina, de toda a Itália setentrional; estão aqui também os fascistas das ilhas, da Sicília e da Sardenha, todos os que hão de afirmar serenamente, categoricamente, a nossa indestrutível fé unitária que pretende repelir toda e qualquer tentativa de autonomismo e de separatismo.

Faz quatro anos que a infantaria de Itália, amadurecida por vinte anos de trabalho afadigado, que a infantaria da Itália, entre a qual estavam largamente representados os filhos das vossas terras, saltavam o Piava e depois de baterem os austríacos, com o

auxílio absolutamente irrisório de outras forças, se lançavam para o Isonzo; e só a concepção absurda e falsamente democrática da guerra pôde impedir que os nossos batalhões vitoriosos desfilassem no "ring" de Viena e nas ruas de Budapeste!

DE ROMA A NÁPOLES

Há um ano que, em Roma, nos encontramos num momento envolvidos por uma hostilidade surda e subterrânea que tinha origem nos equívocos e nas infâmias características do confuso mundo político da capital. Ainda não esquecemos tudo isso. Hoje estamos contentes por ver que Nápoles inteira, esta cidade a que chamo a grande reserva de salvação nacional, nos acolhe com um entusiasmo fresco, leal, sincero, que faz bem ao nosso coração de homens e de italianos; razão pela qual exijo que nenhum incidente, por mínimo que seja, perturbe a nossa reunião, pois que, além de delituoso, seria também enormemente estúpido: exijo que, finda a reunião, todos os fascistas que não são de Nápoles abandonem a cidade em perfeita ordem! A Itália inteira vigia esta nossa reunião porque - deixai-mo dizer sem aquela vã modéstia que é algumas vezes a proteção dos imbecis - não há, depois da Guerra européia e mundial, fenômeno mais interessante, mais original, mais cheio de potencialidade que o Fascismo italiano.

Certamente não podeis pretender de mim aquilo que se costuma chamar um grande discurso político. Falei em Udina, em Cremona, em Milão. Quase tenho vergonha de falar ainda.

Mas dada a situação extraordinariamente grave em que nos encontramos, acho oportuno fixar com a máxima precisão os termos do problema para que sejam de novo nitidamente esclarecidas as responsabilidades individuais.

Em suma, estamos no momento em que a flecha se despede do arco ou a corda demasiado tensa se quebra!

SOLUÇÃO DUM DILEMA

Recordai-vos de que na Câmara italiana o meu amigo Lupi e eu pusemos os termos do dilema, que não é somente fascista, mas italiano: legalidade ou ilegalidade? Conquistas parlamentares ou insurreição? Que caminho escolherá o Fascismo para se tornar Estado? Porque nós queremos ser o Estado! Já em 3 de outubro eu resolvera o dilema.

Quando eu reclamava as eleições, quando as queria a curto prazo, quando as exigia com uma lei eleitoral reformada, era evidente para todos que eu já escolhera o caminho a seguir. A própria urgência do meu pedido denota que o trabalho do meu espírito chegara ao extremo. Ter compreendido isto significava ter ou não ter as chaves na mão para resolver toda a crise política italiana.

O pedido partia de mim, mas partia também dum partido que tem massas formidavelmente organizadas e que absorve as novas gerações da Itália, todos os jovens

física e espiritualmente mais belos, que possui um vasto séquito na vaga e indeterminada opinião pública.

Mas há mais, senhores. Fazia-se este pedido no dia seguinte ao dos acontecimentos de Bolzano e de Trento que haviam revelado *ad oculos* a paralisia completa do Estado italiano e que revelaram, por outro lado, a eficiência não menos completa do Estado fascista. Era necessário, senhores, que viessem ao meu encontro, para que eu não me agitasse ainda mais no meu dilema interno.

Pois bem: com tudo isto o deficiente Governo que está em Roma, onde ao lado da honestidade bonacheirona e inútil de Facta, há três almas negras da reação antifascista - aludo aos senhores Taddei, Amendola e Alesio -, o Governo põe problema no terreno da segurança e da ordem pública!

O QUE REQUEREMOS AO GOVERNO

A maneira de pôr o problema está fatalmente errada. Certos homens políticos perguntam o que havíamos pedido. Não somos espíritos tortuosos e apaixonados, falamos francamente, fazemos bem a quem faz bem, mal a quem faz mal. "Que desejais, fascistas?" Respondemos com simplicidade: "Dissolução da Câmara, reforma eleitoral, eleições rápidas. Exigimos que o Estado saia da sua neutralidade grotesca, suspenso entre as forças da Nação e as da anti-Nação. Exigimos severas medidas financeiras, exigimos um adiamento da evacuação da região dálmata, cinco pastas, além do comissariado da aviação".

Tínhamos pedido precisamente o Ministério dos Estrangeiros, o da Guerra, o da Marinha, o do Trabalho e o das Obras Públicas. Estou certo de que nenhum de vós encontrará excessivos esses pedidos. E para completar-vos o quadro, acrescentarei que nesta solução legal estava excluída a minha participação direta no Governo. As razões são claras, quando se pensa que, para manter nas mãos o Fascismo, devo ter uma vasta elasticidade de movimentos, mesmo no ponto de vista jornalístico e polêmico.

RESPOSTA RIDÍCULA

Que responderam? Nada! Pior ainda, responderam duma maneira ridícula. Apesar de tudo, nenhum dos homens políticos de Itália soube transpor os umbrais de Montecitorio para ver os problemas do País. Fez-se um cálculo mesquinho das nossas forças, falou-se de ministros sem pasta, como se isto, depois das provas mais ou menos miseráveis da Guerra, não fosse o cúmulo de todos os absurdos humanos e políticos. Falou-se de sub-secretariados: mas tudo isso é irrisório.

Nós, fascistas, não queremos chegar ao poder pela porta de serviço; nós, fascistas, não queremos renunciar à nossa formidável primogenitura ideal por um miserável prato ministerial de lentilhas! Porque nós temos a visão, que se pode chamar histórica do problema, em face da outra visão, que se pode chamar política e parlamentar.

Não se trata de continuar um Governo qualquer, com maior ou menor vitalidade: trata-se de introduzir no Estado liberal - que cumpriu a sua missão aliás grandiosa e que nós não esquecemos - de introduzir no Estado liberal toda a força das novas gerações italianas saídas da guerra e da vitória. Isto é essencial não só aos fins do Estado, mas também aos fins da História, da Nação. E agora?

UM PROBLEMA DE FORÇA

Agora, senhores, o problema, não compreendido nos seus termos históricos, impõe-se e torna-se um problema de força. De resto, todas as vezes que na história se verificam fortes contrastes de interesses e de idéias, é força que por último decide. Eis porque agrupamos, poderosamente enquadradas e ferreamente disciplinadas, as nossas legiões: porque se o choque tem de decidir-se no terreno da força, a vitória será nossa! Somos dignos dela; será do povo italiano que tem o direito, que tem o dever de libertar a sua vida política e espiritual de todas as incrustações parasitárias do passado que não pode prolongar-se perpetuamente no presente para não matar o futuro.

E agora compreende-se perfeitamente que os governantes de Roma procurem criar equívocos e desvios; que procurem perturbar a unidade do Fascismo e formar uma solução de continuidade entre a alma do Fascismo e a alma nacional; e que enfrentem certos problemas. Estes problemas têm o nome de monarquia, de exército, de pacificação.

Acreditai-me, não é para prestar homenagem ao lealismo robusto do povo meridional que volto a precisar, mais uma vez, a posição histórica e política do Fascismo perante a monarquia.

AINDA A QUESTÃO DO REGIME

Já afirmei que discutir sobre se os regimes são bons ou maus, em absoluto e em abstrato, é perfeitamente absurdo. Todos os povos, em todas as épocas da sua história, em determinadas condições de tempo, de lugar e de ambiente, têm o seu regime.

Ninguém duvida que o regime unitário da vida italiana se apóia solidamente na monarquia de Sabóia. Ninguém duvida, também, que a monarquia italiana, pelas suas origens, pelo seu desenvolvimento histórico, não pode opor-se àqueles que representam as tendências da nova força nacional. Não se opõe quando concede o Estatuto, não se opõe quando o povo italiano - embora em minoria, mas uma minoria inteligente e de vontade forte - pede e quer a guerra. Teria razão para opor-se hoje, que o fascismo não pretende atacar o regime nas suas manifestações imanentes, mas, pelo contrário, quer libertá-lo de todas as superestruturas que ensombram a sua posição histórica e ao mesmo tempo oprimem todas as tendências do nosso espírito? Inutilmente procuram os nossos adversários perpetuar o equívoco.

FASCISMO E DEMOCRACIA

O Parlamento, senhores, e todo o arsenal democrático nada têm que ver com a instituição monárquica. Junte-se ainda que não queremos privar o povo do seu brinquedo (o Parlamento). Dizemos "brinquedo" porque grande parte do povo tem-no nessa conta. Sabereis dizer-me, por exemplo, a razão por que entre onze milhões de eleitores há seis que não se importam de votar? Mas poderia acontecer que se amanhã partissem esse brinquedo, dessem mostras de desgosto. Mas nós não o partiremos. Na essência, o que nos separa da democracia é a nossa mentalidade, é o nosso método. A democracia crê que os princípios são imutáveis, aplicáveis em todos os tempos, em todos os lugares, e todas as circunstâncias.

Não cremos que a história se repita, não cremos que a história seja um itinerário obrigado, não cremos que a uma democracia deva fatalmente seguir-se uma superdemocracia!

Se a democracia foi útil e eficaz para a Nação durante o século XIX, pode bem suceder que no século XX exista outra forma política capaz de realizar uma união mais íntima da sociedade nacional. Nem mesmo, ainda o espantalho da nossa antidemocracia pode ajudar a determinar esta solução de continuidade de que vos falava há pouco.

NÓS E O EXÉRCITO

Quanto às outras instituições em que o regime se personifica e a Nação se exalta - falo do exército - saiba o Exército que nós, punhado de poucos e audazes, o defendemos quando os ministros aconselhavam os oficiais a vestir-se à paisana para evitar conflitos!

Criamos o nosso mito. O mito é fé, é paixão; não é necessário que seja uma realidade. É realidade pelo fato de ser incentivo, esperança, fé e coragem. O nosso mito é a Nação, nosso mito é a grandeza da nação! E a este mito, a esta grandeza, que queremos traduzir numa realidade completa, nós subordinamos todo o resto!

Para nós a Nação é sobretudo espírito e não somente território. Há Estados que possuíram imensos territórios e não deixaram traço na história da humanidade. Não basta o número, porque há na história Estados pequeníssimos, microscópicos que legaram documentos memoráveis e imperecíveis na arte e na filosofia.

A grandeza da Nação é o conjunto de todas estas virtudes, de todas estas condições. Uma Nação é grande quando traduz na realidade a força do seu espírito. Roma é grande quando de pequena democracia rural a pouco a pouco, pelo ritmo de seu espírito, se expande por toda a Itália, até ir encontrar-se com os guerreiros de Cartago, para se bater com eles. É a primeira guerra da história, uma das primeiras. Depois, pouco a pouco, leva as águias aos extremos confins da terra; mas ainda e sempre o Império romano é uma criação do espírito, porque, mais do que pelos braços, as armas eram dirigidas pelo espírito dos legionários romanos.

O NOSSO SINDICALISMO

Nós queremos, portanto, a grandeza da Nação, no sentido material e espiritual. Eis a razão por que fazemos sindicalismo.

Não o fazemos por acreditarmos que a massa, quando número, enquanto quantidade, possa criar qualquer coisa de duradoiro na história. Essa mitologia de baixa literatura socialista rejeitamo-la. Mas as massas laboriosas existem dentro da Nação. Formam grande parte da Nação, são necessárias à vida da Nação quer na paz, quer na guerra. Afastá-las, não se pode e não se deve. Educá-las e proteger os seus justos interesses, sim!

Diz-se: "Quereis então perpetuar este estado de guerra civil em que a Nação se encontra?" Não. No fundo, os primeiros a sofrer com estas rixas dominicais, em que há mortos e feridos, somos nós. Fui o primeiro a tentar lançar uma plataforma pacificadora entre nós e o chamado mundo subversivo italiano.

COMO SE PODE OBTER A PACIFICAÇÃO

Firmei há pouco uma concordata com bastante satisfação: primeiro, por ter sido feita a pedido de Gabriel d'Annunzio; em segundo lugar porque representava mais outro passo - pelo menos julgo que seja outro passo - para a pacificação nacional.

Por outro lado, nós não somos mulherzinhas histéricas que a todo o momento se alarmam com os acontecimentos.

Não temos uma visão apocalíptica, catastrófica da história. O problema financeiro do Estado, de que tanto se fala, é um problema de vontade política. Quantos milhões e milhares de milhões não seriam poupados se houvesse um Governo de homens com a coragem de dizer *Não!* a todos os pedidos! Mas se não se transportar para o terreno político o problema financeiro, este não poderá ser resolvido.

O mesmo diremos da pacificação. Somos pela pacificação, queremos ver todos os italianos adotarem o menor denominador comum que torne possível a convivência civil; mas por outro lado não podemos sacrificar os nossos direitos, os interesses e o futuro da Nação, ao critério de uma pacificação que propomos com lealdade, mas que não é aceite com a mesma lealdade pela parte adversa. Paz com os que querem verdadeiramente paz; mas com os que nos insultam e, sobretudo, insultam a Nação, não se pode fazer a paz senão a seguir à vitória!

UM HINO À

RAINHA DO MEDITERRÂNEO

E agora, fascistas e cidadãos de Nápoles, agradeço-vos a atenção com que seguistes o meu discurso. Nápoles dá um espetáculo de força, belo e forte, um

espetáculo de disciplina e austeridade. Foi bom que viéssemos de todos os pontos da Itália, a conhecer-vos, ver-vos como sois, a ver o vosso povo, o povo corajoso que defronta romanicamente a luta pela vida, mas, que quer recomeçar a vida para conquistar a riqueza trabalhando e suando, e levando sempre na alma amargurada a potente nostalgia desta maravilhosa terra que está destinada a um grande futuro, sobre tudo se o Fascismo não degenerar.

Não digam os democratas que o Fascismo não tem razão de ser aqui, por aqui não existir o bolchevismo. Aqui vêem-se outros fenômenos de banditismo político, não menos perigosos que o bolchevismo, nem menos nocivos ao desenvolvimento da consciência política da Nação.

Vejo a grande Nápoles futura, a verdadeira metrópole do nosso Mediterrâneo - o Mediterrâneo dos mediterrâneos - e vejo-a juntamente com Bari (que tinha 16 mil habitantes em 1805 e 150 mil atualmente) e com Palermo constituir um poderoso triângulo de força, de energia, de capacidade; vejo o Fascismo recolher e coordenar todas estas energias, desinfetar certos ambientes, tolher a ação de certos homens e recolher outros sob as suas bandeiras!

Porta-bandeiras de todos os Fáscios de Itália, erguei os vossos galhardetes e saudai Nápoles, metrópole do Meio-dia, rainha do Mediterrâneo!

PRIMEIRO DISCURSO DO PRESIDENTE MUSSOLINI

16 DE NOVEMBRO DE 1922

Tenho a honra de anunciar à Câmara que Sua Majestade o Rei, por decreto de 31 de Outubro passado, aceitou a demissão do advogado Luigi Facta, deputado do parlamento, do cargo de presidente do Conselho de ministros e a dos seus colegas, ministros e secretários de Estado, e me encarregou de formar o novo Ministério.

Senhores, o que eu hoje cumpro, nesta Assembléia, é um ato de formal deferência para convosco pelo qual não vos peço nenhum testemunho de especial reconhecimento. De há muitos anos, as crises de governo eram postas e resolvidas pela Câmara, através de manobras mais ou menos tortuosas, de emboscadas, a ponto que uma crise se podia

regularmente considerar um assalto, à mão armada, a uma bamboleante mala-posta, que era o ministério.

Acontece, porém, que, pela segunda vez, no curto espaço de dez anos, o povo italiano, representado pelos seus melhores elementos, apoia um ministério e escolhe um governo fora, acima e contra toda a indicação do parlamento.

O decênio de que vos falo vai de Maio de 1915 a Outubro de 1922.

Deixo aos melancólicos zeladores do superconstitucionalismo o cuidado de dissertar, mais ou menos lamentosamente, sobre este fato.

Afirmo que a revolução tem os seus direitos. Acrescento, para que todos o saibam, que estou aqui para defender e valorizar ao máximo a revolução dos ‘camisas negras”, inserindo-a na história da nação como força de desenvolvimento, de progresso e de equilíbrio. Não quis abusar da vitória, e podia fazê-lo. Impus limites a mim próprio. Sei que a melhor sabedoria é a que não se abandona depois da vitória. Com 300.000 jovens armados de ponto em branco, decididos a tudo e quase misticamente prontos a uma ordem minha, podia castigar os que difamaram e tentaram enlamear o Fascismo.

Podia fazer desta assembléia, tarda e incaracterística, um bivaque de manípulos; podia encerrar o Parlamento e constituir um Governo exclusivamente de fascistas. Podia: mas não quero, pelo menos nos primeiros tempos.

Os adversários encerraram-se nos seus refúgios, e deles têm saído tranqüilamente. Obtiveram o direito de livre circulação e dele aproveitaram já para segregar veneno e preparar emboscadas como em Carate e em Bergamo, em Udina e em Muggia.

Constituí um Governo de coligação, não com o intento de obter maioria parlamentar, da qual posso hoje perfeitamente prescindir, mas para convocar em ajuda da Nação agonizante quantos, acima dos partidos, a queiram salvar.

Agradeço de todo coração aos meus colaboradores, ministros e subsecretários; agradeço aos meus colegas de Governo, que quiseram assumir comigo as pesadas responsabilidades desta hora; e não posso deixar de recordar com simpatia a atitude das massas de trabalhadores italianos, que apoiaram o movimento fascista com a sua ativa ou tácita solidariedade.

Creio também interpretar o pensamento de grande parte desta assembléia e certamente da maioria do povo italiano, tributando uma calorosa homenagem ao Soberano, que se recusou às tentativas inutilmente reacionárias da última hora, evitou a guerra civil e permitiu que se vertesse nas artérias fatigadas do Estado parlamentar a nova e impetuosa corrente fascista, saída da guerra e exaltada pela vitória.

Antes de chegar a este posto, de toda a parte nos pediam um programa. Ai de mim! Não são os programas que escasseiam à Itália, o que falta são homens e a vontade de aplicar os programas. Todos os problemas da vida italiana, todos, estão resolvidos no

papel, mas faltou a vontade de os traduzir em fatos. O Governo representa, hoje, esta firme e decidida vontade.

É a política externa a que, especialmente neste momento, nos ocupa e preocupa. Trato dela imediatamente, porque julgo assim dissipar muitas apreensões. Não me ocuparei de resto de todas as questões atuais que com ela se relacionam, porque também neste campo prefiro a ação às palavras.

A orientação fundamental da nossa política externa é esta: os Tratados de paz, sejam eles bons ou maus, uma vez que foram firmados e ratificados, devem executar-se. Um Estado que se respeita não pode ter outra doutrina.

Os Tratados não são eternos, intangíveis: são capítulos da história, não são o epílogo da história. Executá-los significa aprová-los.

Se através de sua execução o seu absurdo se manifesta, isso pode constituir o fato novo que abra a possibilidade de um exame ulterior das posições respectivas. Tanto o Tratado de Rapallo, como os acordos de Santa Margarida, que dele derivam, serão trazidos por mim ao Parlamento.

Assente que, quando completos, isto é ratificados, os tratados devem executar-se com lealdade, passo a estabelecer outra das bases de nossa política externa: o repúdio de toda a nebulosa ideologia “reconstrucionista”.

Admitimos que haja uma espécie de unidade, ou antes, de interdependência da vida econômica européia. Admitimos que se deve reedificar esta economia; mas negamos que os métodos até aqui adotados atinjam o alvo.

Para atingir a reconstrução econômica européia, valem mais os Tratados de comércio entre dois países, fundamento de mais vastas relações econômicas entre os povos, que as complicadas e confusas conferências plenárias, cuja lastimosa história todos conhecemos. No que toca à Itália, seguiremos uma política de dignidade e de utilidade nacional.

Não podemos permitir-nos o luxo de uma política de altruísmo insensato ou de submissão completa aos desígnios de outros. *Do ut des*.

A Itália de hoje conta, e deve contar. Não temos o mau gosto de exagerar a nossa força, mas de forma nenhuma, queremos diminuí-la por excessiva e inútil modéstia.

A minha fórmula é simples: quem não dá não recebe.

Quem de nós quiser ter provas concretas de amizade, seja ele o primeiro a dá-las.

A Itália fascista que não pretende anular os tratados, por motivos de ordem política, econômica e moral, também não tenciona abandonar os seus aliados da guerra.

Roma está em pé de igualdade com Paris e Londres; mas a Itália deve impor-se, incitar os aliados a fazer aquele corajoso e severo exame de consciência que têm receado fazer do armistício até hoje.

Existe ainda uma "Entente" no sentido substancial da palavra? Qual a posição dessa Entente em face da Alemanha, em face da Rússia, em face duma aliança russo-alemã? Qual a posição da Itália na Entente, da Itália que, pela fraqueza dos seus governantes perdeu fortes posições no Adriático e no Mediterrâneo, ao mesmo tempo que voltavam a discutir-se alguns dos seus direitos fundamentais; da Itália que não teve colônias nem matérias primas e que está literalmente arruinada pelas dívidas contraídas para conseguir a vitória comum?

Tenciono, nas conversações que terei com os primeiros ministros de França e de Inglaterra, encarar com toda a clareza, na sua complexidade, o problema da Entente e o problema conseqüente da posição da Itália dentro dela.

Duas hipóteses resultarão desse exame: ou a Entente, pondo um termo às suas discórdias internas, às suas contradições, se transformará verdadeiramente num bloco homogêneo, equilibrado nas suas forças - com iguais direitos e deveres iguais - ou terá soado sua última hora e a Itália, retomando a liberdade de ação, tratará lealmente de proteger os seus interesses por meio de outra política.

Espero que se verifique a primeira eventualidade, além do mais, em considerações da efervescência de todo o mundo oriental e da crescente intimidade russo-turco-alemã.

Mas para que isto suceda, é necessário sair, uma vez por todas, do campo das frases convencionais: é tempo, em suma, de sair do simples terreno do expediente diplomático que se renova e se repete em todas as conferências, para entrar no campo dos fatos históricos, onde é possível determinar nitidamente num sentido ou noutro o curso dos acontecimentos.

Uma política externa como a nossa, uma política de utilidade nacional, uma política de respeito dos Tratados, uma política que explique claramente aposição da Itália na Entente, não pode ser considerada uma política aventurosa ou imperialista no sentido vulgar da palavra.

Queremos seguir uma política de paz, nunca uma política de suicídio. Para confundir os pessimistas, que esperam resultados catastróficos do advento do fascismo ao poder, bastará recordar que as nossas relações são absolutamente amigáveis com a Suíça e que um Tratado de comércio, em vias de se ultimar, irá fortificá-las; que são corretas com a Iugoslávia e com a Grécia, boas com a Espanha, Tchecoslováquia, Polônia, Romênia, com os Estados bálticos, onde a Itália conquistou nos últimos anos enormes simpatias e com os quais estamos em negociações para a conclusão dum acordo comercial, e ainda igualmente boas com todos os outros Estados.

No que toca à Áustria, a Itália manterá fielmente os seus compromissos e não se esquecerá de desenvolver uma ação de ordem econômica ainda no que se refere à Hungria e à Bulgária.

Quanto à Turquia, lembremo-nos de que se deve reconhecer em Lausana o que é já agora um fato consumado, observando-se as necessárias garantias para proteger o tráfico nos Estreitos, os interesses europeus e os das minorias cristãs.

A situação criada nos Balcãs e no Islã merece ser atentamente vigiada. Quando a Turquia tiver obtido aquilo a que tem direito, não deve pretender mais. É necessário ter a coragem de lhe dizer no momento oportuno: "Até aqui, sim; o que passe disto, não!" De maneira nenhuma.

Só com uma linguagem firme, e tanto mais firme quanto mais leal for a conduta dos aliados, se pode evitar o perigo das complicações balcânicas e, portanto, necessariamente européias.

Não esqueçamos que há 44 mil muçulmanos na Romênia, 600 mil na Bulgária, 400 mil na Albânia, milhão e meio na Iugoslávia: um mundo que a vitória do Crescente exaltou, pelo menos subterraneamente.

No que respeita à Rússia, a Itália entende que chegou já a hora de considerar na sua realidade atual as suas relações com aquele Estado, fora de toda consideração sobre as suas condições internas, nas quais, como Governo, não desejamos entrar, exatamente como não admitimos intervenções estranhas nas nossas coisas. Estamos dispostos a examinar a possibilidade duma solução definitiva.

Sobre a participação da Rússia em Lausana, a Itália sustentou a tese mais liberal e não desespera de a fazer triunfar, embora até hoje a Rússia só tenha sido convidada a discutir, no seu aspecto mais limitado, a questão dos Estreitos.

São ótimas as nossas relações com os Estados Unidos; fica a meu cuidado torná-las melhores ainda, sobretudo no campo da tão desejada colaboração íntima de ordem econômica.

Com o Canadá estamos para firmar um Tratado de comércio. Cordeais são ainda as nossas relações com as Repúblicas da América Central e da América do Sul, especialmente com o Brasil e a Argentina, onde vivem milhões de italianos, aos quais não deve negar-se a possibilidade de participarem na vida local, o que, valorizando-os, não os afastará da Mãe-Pátria, antes, pelo contrário, os ligará mais estreitamente a ela.

Quanto ao problema econômico-financeiro, a Itália sustentará na próxima reunião de Bruxelas que dívidas e reparações devem formar um binômio inseparável. Para esta política de dignidade e utilidade nacionais são necessários, para a consulta, órgãos centrais e periféricos adequados às novas necessidades da consciência nacional e ao crescente prestígio da Itália no mundo.

As diretrizes da política interna resumem-se nestas palavras: economia, trabalho, disciplina. O problema financeiro é fundamental: há que atingir, com a maior brevidade possível, o equilíbrio do orçamento do Estado. Regime de economia: utilização inteligente das despesas, auxílio a todas as forças produtoras da Nação, liqüidação de todos os resíduos da aparelhagem da guerra.

À situação financeira, que, embora grave, é suscetível de melhoria, referir-se-á largamente o meu colega Tangorra.

Quem diz trabalho, diz burguesia produtiva e classes trabalhadoras das cidades e dos campos. Nada de privilégios às primeiras, nada de privilégios às últimas, mas tutela de todos os interesses que se harmonizam com os interesses da produção e da Nação.

O proletariado que trabalha, e cuja sorte nos preocupa mas sem indulgências culpáveis e demagógicas, nada tem a temer e nada a perder, mas certamente tudo a ganhar com uma política financeira que salve o orçamento do Estado e evite a bancarrota que se faria sentir desastrosamente sobretudo nas classes mais humildes. A nossa política de emigração deve defender-se dum excessivo paternalismo, mas o cidadão italiano que emigre terá a certeza de que será eficazmente protegido pelos representantes da Nação no estrangeiro.

O prestígio duma Nação no mundo está na razão direta da disciplina de que dá provas no interior. Não há dúvida que a situação interna melhorou, mas ainda não tanto como eu quero.

Não procuro embalar-me com fáceis otimismos. Não amo Pangloss.

As grandes cidades e em geral todas as cidades estão tranqüilas; os episódios de violência são esporádicos e periféricos, mas têm de acabar.

Os cidadãos seja qual for o partido a que pertençam, poderão livremente circular; todas as crenças religiosas serão respeitadas particularmente a dominante, o catolicismo; as liberdades constitucionais não serão violadas; faremos respeitar as leis a todo o custo.

O Estado é forte e demonstrará a sua força contra todos, mesmo contra eventuais ilegalidades fascistas, que constituiriam um ilegalismo inconsciente e impuro sem justificação possível.

Devo, porém, acrescentar que a quase totalidade dos fascistas aderiu perfeitamente à nova ordem de coisas. O Estado não tenciona abdicar diante de quem quer que seja.

Todo aquele que se levante contra o Estado será punido. Faço este aviso a todos os cidadãos e estou certo de que ele soará duma forma particularmente agradável aos ouvidos dos fascistas, que lutaram até a vitória por um Estado que se imponha a todos, absolutamente a todos, com precisa energia inexorável.

É preciso não esquecer que, fora das minorias que militam na política, há quarenta milhões de ótimos italianos que trabalham, se reproduzem, perpetuam as virtudes da raça, reclamam e têm o direito de viverem em paz, sem desordens crônicas, prelúdio certo da ruína geral.

Pois que as palavras evidentemente não bastam, o Estado procurará selecionar e aperfeiçoar as forças armadas que o defendem. O Estado fascista criará talvez uma polícia única, perfeitamente adestrada, de grande mobilidade e de elevado espírito moral; enquanto que o exército e a marinha - gloriosíssimos e queridos de todos os italianos - subtraídos às mutações da política parlamentar, reorganizados e fortalecidos, representarão a suprema reserva da Nação no interior e no estrangeiro.

Senhores! Em ulteriores comunicações vos porá a par do programa fascista nos seus pormenores e para cada um dos departamentos do Estado. Não quero, enquanto me for possível, governar contra a Câmara; mas a Câmara deve sentir a posição especial em que se encontra, posição que tanto torna possível dissolvê-la, daqui a dois dias, como daqui a dois anos.

Pedimos plenos poderes porque queremos assumir plenas responsabilidades. Sem esses plenos poderes, vós sabeis muito bem que não é possível economizar uma lira - uma só lira, sequer.

Claro que com isto não queremos excluir a possibilidade de espontânea colaboração que aceitamos cordialmente, quer ela venha dos deputados, dos senadores, ou de simples cidadãos competentes.

Todos nós temos o sentido religioso da nossa difícil missão. O país cria ânimo e espera. Que não espere de nós palavras; dar-lhe-emos fatos!

Tomamos o encargo formal e solene de sanear o orçamento e saneá-lo-emos. Queremos fazer uma política externa de pacificação, mas ao mesmo tempo digna e firme - e fá-la-emos. Propusemo-nos dar uma disciplina à Nação, e dá-la-emos. Nenhum dos adversários de ontem, de hoje e de amanhã se iluda sobre a brevidade da nossa passagem pelo poder. Seria uma ilusão pueril e estúpida como as ilusões de ontem. O nosso Governo tem bases formidáveis na consciência da Nação e apoia-se nas melhores e mais jovens gerações italianas.

É fora de dúvida que nestes últimos dias se deu um passo gigantesco para a unificação dos espíritos. A Pátria italiana encontrou-se de novo a si mesma, de norte a sul, do continente às ilhas generosas que doravante não serão esquecidas, da metrópole às colônias laboriosas do Mediterrâneo e do Atlântico.

Senhores, em frente da Nação, não vos dissipeis em vãs palavras! Cinqüenta e dois pedidos de interpelação a seguir ao meu discurso - é demais!

Trabalhemos antes de coração puro e espírito alacre para a prosperidade e a grandeza da Pátria.

E agora, que Deus me assista e ajude a levar vitoriosamente a cabo a minha árdua missão.

F I M

ANEXO I

28 ABRIL 1945 - 28 ABRIL 1995

50° ANIVERSÁRIO DO ASSASSINATO DE

BENITO MUSSOLINI

Eu sou um fascista italiano. É uma grande honra para mim ser chamado para escrever umas poucas linhas sobre **BENITO MUSSOLINI**, o ***"DUX"***, Líder do Partido Fascista Italiano, particularmente numa revista inglesa. Na verdade, em minha Itália democrática, não me seria possível fazê-lo e isto poderia ser a causa de meu aprisionamento. Apesar de todas as mentiras que têm sido escritas até agora sobre a vida de Mussolini, seu governo e particularmente sobre seu assassinato, eu quero escrever a verdade sobre ele para os leitores da ***Final Conflict*** (*N.Ed.: e agora, para todos nós*), conquanto seja quase impossível condensar a história e os pensamentos de tão impressionante homem, em umas poucas páginas. (...)

BENITO MUSSOLINI nasceu em Dovia di Predappio, em 29 de julho de 1883, filho de um ferreiro e uma professora da escola elementar. Ele foi um verdadeiro socialista desde o começo e dirigiu o jornal socialista ***L'Avanti*** (*Avante!*), a partir de 1912. Em 1914, ele fundou e dirigiu o jornal ***Il Popolo d'Italia*** (*O Povo da Itália*) e, contrastando com as idéias do partido socialista, ele foi favorável à participação italiana na Primeira Guerra Mundial. Com grande coerência, ele serviu ao exército, passando dois anos no fronte, onde foi ferido na perna.

Em 1919, ele fundou o ***Fasci di Combattimento*** (*Grupo de Combate*), um grupo político com um programa claramente anti-capitalista e anti-clerical, juntamente com um muito forte Nacionalismo para tirar o máximo proveito da vitória italiana em 1918. Em 1921, ele foi eleito Deputado, e em outubro de 1922, ele marchou sobre Roma, juntamente com seus Camaradas. Foi lhe dado então, pelo Rei, o dever de formar um novo governo e foi eleito Primeiro Ministro. Em 1929, ele subscreveu ao ***Patti Lateranensi*** (*Pacto de Latrão*), uma pacto que devolveu ao Vaticano a chance de reafirmar sua dignidade, depois da derrota maçônica de 1870, e seu direito de se considerado um Estado religioso (pela primeira vez, depois de muitos anos, o Crucifixo foi uma vez mais honrado de ser ostentado em instituições sociais, alcançando desde a classe de aula até a sala do tribunal).

Em seguida, Mussolini formou uma aliança com a **Alemanha Nacional-Socialista**, conquistou a Etiópia em 1935, e desde 1936 a 1939, enviou tropas regulares italianas para a Espanha, a fim de combater o "perigo vermelho" do Comunismo. Na Espanha,

soldados italianos combateram com grande valor juntamente com a Falange Espanhola e contribuíram para a vitória final contra o Comunismo.

Em 10 de Junho de 1940, a Itália uniu-se à Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Os primeiros meses de guerra foram muito bons para Hitler e Mussolini. Eles acreditaram na ***blitzkrieg*** (*guerra-relâmpago*), mas depois de 1942, a situação se transformou radicalmente, devido ao terrível Inverno Russo. Desta forma, depois de ser posto na minoria pelo ***Gran Consiglio*** (o corpo formado pelos maiores postos do partido Fascista), em 25 de Julho de 1943, Mussolini, mostrando um profundo respeito pelas normas constitucionais, foi ter com o Rei para renunciar como Primeiro Ministro, Apesar desta conduta apropriada, ele foi preso e levado (numa ambulância) para as proximidades do quartel-general, pelos mesmos oficiais que, até o dia anterior, estavam lhe mostrando sua completa fidelidade. Ele foi internado primeiro na Ilha de Ponza, depois em La Maddalena e, finalmente, em Campo Imperatore (2.130 metros acima do nível do mar), no maçico de Gran Sasso, nos Apeninos italianos.

Lá, em 12 de setembro de 1943, ele foi libertado por uma legendária ação militar levada a cabo pelos paraquedistas germânicos, liderados pelo **Major Harald Mors**, com a fundamental participação do **Capitão-SS Otto Skorzeny**, que o trouxeram de volta para Hitler e para a liberdade.

Entrementes, em 8 de setembro de 1943, a mais vergonhosa e repugnante data da história italiana, o dia quando meu país foi traído e vendido aos bárbaros, o Rei, junto com muitos ministros e políticos, enterrando o valor dos soldados italianos e preferindo seu próprio bem-estar ao destino da Itália, mostraram sua completa covardia traindo os antigos aliados germânicos. Na verdade, se aliaram aos efetivos proprietários e responsáveis pelo destino da Itália: os "conquistadores ianques" dos Estados Unidos da América, que sempre interferem onde existem boas pastagens para sua inesgotável ganância. O Rei, o chefe do Exército General Staff e vários ministros fugiram da Itália, deixando o país sem governantes e principalmente sem saída.

Após sua liberação, Mussolini fundou a ***Repubblica Sociale Italiana*** (*República Social Italiana*) com o principal objetivo de restabelecer a aliança germânica e combater contra todas as forças plutocráticas. Em 25 de Abril de 1945, o fronte italiano foi definitivamente quebrado pelos ***partisans*** (comunistas italianos) e Mussolini, junto com alguns ministros, foi capturado por aqueles no caminho para a Alemanha por Musso, próximo a Dongo, no lago Como, em 27 de Abril de 1945. Ele foi levado primeiramente para Germasino, então para Moltrasio e finalmente para Giulino di Mezzegra, na residência de uma família, de Giacomo e Lia De Maria, onde, em 28 de abril, foi barbaramente assassinado junto com Claretta Petacci, pelos *partisans* "em nome do povo italiano" (aonde estava o povo italiano naqueles dias?).

Quero agora enfatizar que a versão clássica desta história, a versão comunista, sobre o fuzilamento de Benito Mussolini e Claretta Petacci no portal de Villa De Maria é uma falsificação histórica. Na verdade, eles sofreram tiros aproximadamente na manhã de 28 de abril de 1945 numa muito dramática situação: no meio da noite do dia 27 para 28, os *partisans* "Gianna" (alcunha de Giuseppina Tuissi), "Sandrino" (Guglielmo Cantoni), "Lino" (Giuseppe Frangi), "Neri" (Luigi Canali) e "Pietro" (Michele Moretti) lhes tomaram da casa para o campo aberto; lá Benito e Claretta compreenderam que sua última hora havia chegado e Claretta tentou várias vezes salvar Benito, impedindo os *partisans* de atirarem nele. Finalmente, numa atmosfera bastante trágica e pesada, sob uma garoa, Luigi Canali disparou o primeiro tiro no

pescoço de Mussolini com a arma de fogo de Pietro (uma MAS francesa, calibre 7.65) e Giuseppe Frangi primeiro golpeou Claretta no osso malar (*N.Ed.: "maçã do rosto"*) com sua arma, e depois atirou nela. Os dois corpos caíram pesadamente no chão úmido e os assassinos democratas ficaram pasmos e petrificados frente ao que fizeram em apenas alguns segundos.

Após tais eventos, os dois cadáveres foram postos novamente em Villa De Maria. Lá iniciou o épico conto comunista sobre "Coronel Valerio" (Walter Audisio), que tem sido considerado um dos assassinos de Mussolini.

ISTO NÃO É VERDADE!

A realidade é que Walter Audisio, junto com Giuseppina Tuissi, Luigi Canali, Michele Moretti e Giuseppe Frangi, voltou para Giulino di Mezzegra na tarde do dia 28, com a sentença de morte para Mussolini decidida pelos quartéis-generais *partisans*. É interessante, neste ponto, lembrar que um dos líderes da organização *partisan*, a mais interessada em matar Mussolini, era Sandro Pertini, um antigo Presidente da República Italiana! Eles pegaram os dois corpos, levaram-nos ao infame portal e atiraram neles novamente, fuzilando duas pessoas já mortas há mais de dez horas.

Tudo tem sido feito para dar a impressão de fato e toda a história moderna do Século XX tem sido construída sobre esse conto imaginário. Meu objetivo pessoal é dar testemunho da verdade. Quero repetir que a versão clássica da história é uma grande mentira! A conclusão desta "comédia de horrores" tomou lugar em Plazzale Loreto, em Milão, em 29 de abril de 1945, onde os corpos de Benito Mussolini, Claretta Petacci e outros Fascistas foram pendurados de cabeça para baixo num posto de combustível e ofertados ao escárnio público pelos democratas. Talvez possa ajudá-lo saber que Rachelle Mussolini, esposa de Mussolini, e sua família puderam ter seu corpo de volta só 12 anos depois, em 1957, jogado dentro de um pequeno engradado de madeira.

Após este curto relato biográfico, quero agora brevemente perpassar os fundamentos da ação de Mussolini e revigorar o cerne da idéia Fascista.

A VISÃO FASCISTA

O Programa Fascista, na mente de Mussolini, era contra:

* **A SOCIEDADE DAS NAÇÕES**, criada por Wilson, porque seu objetivo era igualar todos os grupos militantes aos desejos americanos, em nome da falsa democracia.

* **FRANCO-MAÇONARIA**, como repositório da escória da sociedade moderna.

* **FINANÇAS INTERNACIONAIS E TODAS AS PLUTOCRACIAS**, porque eles usam o homem como meio de produzir dinheiro e não como uma criatura dotada de espírito, criador de seu próprio destino.

* **O PROCESSO EUROPEU DE BOLCHEVIZAÇÃO,** como uma ameaça material contra a independência de cada Nação.

Em favor de:

* **INDEPENDÊNCIA POLÍTICA E ECONÔMICA DA ITÁLIA** (em italiano *Autarchia*, “autogoverno”), porque cada Nação deve produzir sua própria riqueza, baseada na dignidade do trabalho.

* **SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO**, como meio de dar ao povo uma participação real na produção da riqueza da Nação.

* **CAPITAL COMO MEIO DE CONQUISTAR DIGNIDADE E NÃO COMO UM FIM**, porque sua idéia do “homem” era considerá-lo como uma criatura dotada de espírito e não como um gerador de dinheiro para a riqueza de outrem.

MUSSOLINI, O HOMEM

Se me fosse pedido para descrever, em poucas linhas, o caráter e o espírito do homem Benito Mussolini, resumiria conforme se segue:

* Ele nutriu profundo AMOR pela TRADIÇÃO ITALIANA DESDE O IMPÉRIO ROMANO, pelos nossos ANTEPASSADOS e pelos nossos ANCESTRAIS.

* Ele teve o PROFUNDO CARISMA DE LÍDER, como aquele que lidera seu povo com seu exemplo de integridade moral (a palavra latina *DUX*, ou a alemã *FÜHRER* representam o mesmo tipo de líder).

* Ele concebeu o HOMEM não como um PRODUTOR DE RIQUEZAS E OPULÊNCIA, mas como uma SER ESPIRITUAL com ASPIRAÇÕES ESPIRITUAIS.

* Ele teve uma CONCEPÇÃO ORGÂNICA DAS FUNÇÕES DO ESTADO, entre elas, TRABALHO, a NATUREZA SOCIAL DO HOMEM e CAPITAL são MEIOS PARA ELEVAR O POVO.

* Ele reconheceu que o ENGANOSO BOLCHEVISMO ENSEJAVA APENAS PELA INTERNACIONALIZAÇÃO TANTO DO CAPITAL QUANTO DO POVO PROLETÁRIO, sem dar-lhes qualquer dignidade pessoal.

* Ele viu a FRANCO-MAÇONARIA como a CAUSA POTENCIAL DA INTERNACIONALIZAÇÃO FINANCEIRA e como a DESTRUIDORA DAS FRONTEIRAS NACIONAIS, pretendendo ELIMINAR TODOS OS LIMITES e DAR CAMINHO LIVRE PARA O DINHEIRO.

* Ele odiou o NIVELAMENTO DOS SERES HUMANOS como meio de eliminar qualquer mérito pessoal em nome da falsa igualdade.

Com estes tópicos na mente, a idéia Fascista pode ser sumariada como se segue:

A GUERRA DO SANGUE CONTRA O OURO

Concluo este artigo ensejando que todos o leiam com cuidado e meditarão sobre ele, tendo em mente que hodiernamente, aproximando-se do terceiro milênio,

Benito Mussolini, o maior líder italiano desde César está vivo entre nós, através do poder de seus pensamentos e a tremenda "atualidade" de seus ensinamentos.

CAMERATA BENITO MUSSOLINI: PRESENTE!

(In FINAL CONFLICT - n° 8, ITP, Londres, Inglaterra, Outono-Inverno/1995, págs. 10 a 13)

ANEXO II

PARTIDO FASCISTA RESTABELECIDO NA ITÁLIA!

Camaradas,

Tenho grandes notícias para lhes dar! Após aproximadamente 49 anos de batalha legal na Itália contra nossa Constituição Italiana antifascista (estabelecida em 1948, imediatamente após a Segunda Guerra Mundial), nós, camaradas italianos, obtivemos uma grande e histórica vitória judicial.

De fato, a XIII Disposição Provisional de nossa Constituição proibiu o restabelecimento legal do dissolvido Partido Fascista Italiano (P.N.F.). Isto justifica porque o único partido neofascista legalizado que temos nestes dias, na Itália, o **MOVIMENTO SOCIAL ITALIANO** (MSI, fundado em 1946), nunca advogou abertamente a restauração do Fascismo.

Então, em 25 de julho de 1991, um antigo membro do MSI no parlamento, Senador Giorgio Pisano (que deixou o moderado partido MSI alguns dias antes) fundou o grupo ***MOVIMENTO FASCISMO E LIBERTÁ*** (*Movimento pelo Fascismo e Liberdade*). Ele foi imediatamente processado por violação da Constituição, em várias cortes; agora, depois de 5 anos de litígio, Pisano ganhou com 27 sentenças de absolvição (lavradas pelas 27 cortes que o processaram). Isto foi possível graças à incrível perícia de extraordinários juristas e advogados (como Camarada Menicacci).

Desta forma, agora temos na Itália um partido fascista aberto e legalizado, cujo símbolo é o mesmo usado pelo Partido Fascista original, de Mussolini. A

Constituição italiana imposta sobre nós pelos vencedores ianque-sionistas após a guerra, finalmente foi derrotada!!

Ademais, em 24 de novembro pp., o Partido (que ganhou 1.500 votos nas eleições políticas regionais ocorridas no sul da Itália em 16 de junho pp.) teve sua Assembléia Nacional na cidade de Bolonha. Naquela ocasião eu fui eleito membro do Executivo Nacional do Partido, no cargo de Diretor das relações estrangeiras.

Ficaria grato se pudessem anunciar estas novas no ***The New Order***, porque o ocorrido na Itália representa uma grande e histórica vitória legal para Fascistas e Nacional-Socialistas de toda a Europa. Esperançosamente, isto deflagrará uma ofensiva Fascista/Nacional-Socialista em outros países.

Guglielmo Giovanelli

(In THE NEW ORDER - n° 127, NSDAP/AO, Lincoln/NE, USA, 03-04/1997, pág. 5)

ANEXO III

CRONOLOGIA

1883 - 29 de julho: Em Dovia, distrito de Predappio, na Romanha, nasce Benito Mussolini, filho de Alessandro e Rosa Maltoni.

1892 - Matrícula na escola elementar dos salesianos de Faenza.

1901 - 8 de julho: Forma-se professor.

1902 - leciona, por breve período, nas escolas elementares. Em seguida, transfere-se para a Suíça. Inicia a carreira jornalística, colaborando no semanário "L'Avennire del Lavoratore" (O Futuro do Trabalhador).

1903 - Preso por motivos políticos, é expulso do Cantão de Berna. Volta a Lausana e freqüenta o mundo dos exilados políticos.

1904 - Profere ciclos de conferências, freqüenta a Universidade de Lausana onde assiste, ao que parece, a algumas lições do economista Pareto. Em dezembro, regressa à Itália.

1905 - Presta serviço militar no regimento dos *bersaglieri*. 19 de fevereiro: morte da mãe.

1908 - Condenado a três meses de detenção por ameaça, tem sua pena reduzida para 15 dias.

1909 - É nomeado dirigente da Câmara do Trabalho de Forli. Transferindo-se a Trento, assume o cargo de secretário da Câmara do Trabalho. Colabora no jornal "Il Popolo" (O Povo), dirigido por Cesare Battisti. Outubro: detido e expulso de Trento, seus companheiros socialistas convocam uma greve contra sua expulsão. Retorna a Forli, onde dirige o núcleo local do partido socialista. Conhece Rachele Guidi, sua futura esposa.

1911 - Preso e processado por causa de sua propaganda contra a guerra da Líbia, é condenado a 12 meses de cárcere.

1912 - Julho: participa do congresso nacional do partido socialista, em Reggio Emilia. Entra na direção do partido e é nomeado diretor do "Avanti!"(Avante!).

1914 - Participa do congresso nacional do partido socialista, em Ancona. 20 de outubro: deixa a direção do "Avanti!". Novembro: funda o jornal cotidiano "Il Popolo d'Itália" (O Povo da Itália). 24 de novembro: é expulso do partido socialista.

1915 - 24 de maio: a Itália entra na guerra. Mussolini parte para a frente de batalha. 11 de novembro: fruto de uma aventura amorosa com Ida Dalser, nasce Benito Albino Dalser-Mussolini, que só será reconhecido como filho legítimo em 11 de janeiro do ano seguinte. Em 16 de dezembro, Mussolini casa-se no civil com Rachele Guidi, com quem gera Edda, sua primeira filha.

1916 - 1° de março: promovido a cabo, por dedicação e audácia. Agosto: promovido a cabo sênior. Neste ano, nasce Vittorio, filho da relação com Rachele.

1917 - Fevereiro: promovido a sargento de esquadra. Logo em seguida, é ferido em batalha.

1918 - Nasce Bruno, filho de Mussolini e Rachele.

1919 - 23 de março: com centenas de camaradas, realiza o juramento na Praça San Sepolcro, fundando o *Fascio Milanese di Combattimento* (Esquadrão Milanês de Combate). 16 de novembro: é derrotado nas eleições para o colégio de Milão.

1921 - Transformação dos Esquadrões de Combate em partido fascista. Em maio, Mussolini é eleito deputado. 21 de junho: primeiro discurso reacionário na Câmara.

1922 - 28 de outubro: Marcha sobre Roma. Dezenas de milhares de fascistas ocupam a capital. 30 de outubro: chamado por Vittorio Emanuele III (o Rei), Mussolini recebe o encargo de formar o novo governo.

1923 - 12 de janeiro: constituição do Grande Conselho do Fascismo.

1925 - 3 de janeiro: discurso de Mussolini na Câmara. Os fascistas reassumem o controle da situação.

1926 - Abril: fundação da Opera Nazionale Balilla (ONB), destinada à assistência e educação moral e física da juventude. Outubro: após o terceiro atentado contra o Duce, em Bolonha, o Parlamento emana uma série de leis visando à defesa do estado. Supressão dos partidos e dos jornais da oposição. 28 de dezembro: casamento religioso com Rachele.

1929 - 11 de fevereiro: assinatura da Concordata com a Santa Sé (Pacto de Latrão), que reconhece o Vaticano com Estado soberano.

1933 - Assinatura do Pacto dos Quatro (França, Inglaterra, Alemanha e Itália) para assegurar a paz na Europa. Setembro: primeiro encontro do Duce com Claretta Petacci, com quem terá um enlace amoroso até os últimos dias de vida.

1934 - Durante o verão, o Duce se opõe à iniciativa de Hitler que pretende anexar a Áustria à Alemanha, enviando algumas divisões ao passo de Brenner.

1935 - O ministro francês Laval visita Roma. 11-14 de abril: Conferência de Stressa entre Inglaterra, França e Itália. 3 de outubro: início da guerra da Abissínia. Como voluntários, partem os filhos do Duce e Rachele, Vittorio e Bruno, enquanto Edda se inscreve na Cruz Vermelha.

1936 - 9 de maio: Mussolini proclama a fundação do Império. 18 de julho: assinatura de um tratado de aliança com o general espanhol Franco.

1937 - Mussolini solicita uma aliança com Hitler. 25 de setembro: primeira visita oficial de Mussolini à Alemanha. A Itália ameaça desligar-se da Sociedade das Nações.
1938 - 15 de julho: lançamento do manifesto proclamando diferenças raciais entre italianos e judeus, com repercussões na vida política.

1940 - 18 de março: encontro em Brenner entre Hitler e Mussolini. 10 de junho: a Itália declara guerra à França. 24 de junho: armistício ítalo-francês. Agosto-setembro: ocupação da Somália Britânica e de Djibuti pelas tropas italianas. 27 de setembro: assinatura do Pacto Tripartite, de colaboração entre Itália-Alemanha-Japão. 28 de outubro: a Itália ataca a Grécia. 9 de dezembro: contra-ofensiva inglesa na Líbia. A Itália é forçada a pedir ajuda à Alemanha.

1941 - 22 de janeiro a 7 de fevereiro: perda da Cirenaica Italiana. 5 de abril: os ingleses tomam Addis Abeba. 12 de abril: contra-ofensiva das tropas do Eixo na Líbia. 15 de maio: capitulação italiana na África Oriental. Junho: o Duce envia um Corpo Expedicionário Italiano para a Rússia (CSIR). 7 de agosto: o jovem capitão Bruno, filho do Duce, morre testando um novo avião. Dezembro: a Itália declara guerra aos Estados Unidos.

1942 - Junho: última ofensiva ítalo-germânica na Cirenaica. 3 de novembro: inicia-se a retirada das tropas do Eixo. 7 de novembro: as tropas anglo-americanas desembarcam em Marrocos e na Argélia.

1943 - 9 de julho: desembarque dos anglo-americanos na Sicília. 19 de julho: Mussolini encontra Hitler perto de Feltre. 24 de julho: reunião do Grande Conselho do Fascismo que vota a ordem do dia Grandi, com a qual se declara a queda do governo Mussolini e se convida Vittorio Emanuele III a assumir plenos poderes. 25 de julho: Mussolini apresenta sua demissão ao rei e é preso. Será deportado primeiro para a Ilha de Ponza e depois para Gran Sasso. 12 de setembro: um comando

alemão chega à Ilha Gran Sasso e liberta Mussolini, levando-o de avião para a Alemanha. 18 de setembro: Mussolini anuncia a constituição da República Social Italiana da Alta Itália.

1944 - 10 de janeiro: em Verona, um tribunal especial condena à morte os membros do Grande Conselho do Fascismo que votaram a favor da ordem do dia Grandi, inclusive o genro do Duce, Galeazzo Ciano, marido de Edda. 16 de dezembro: último discurso do Duce, no teatro lírico de Milão.

1945 - Abril: Mussolini se transfere de Gargnano, às margens do Lago Garda, onde estava a sede do governo da República Social, para Milão. 27 de abril: unindo-se a uma coluna alemã em retirada para Valtellina, Mussolini é reconhecido por alguns guerrilheiros e preso. 27-28 de abril: Mussolini e Claretta Petacci são assassinados por *partisans*, numa vila nas proximidades de Bonzanigo-Giulino di Mezzegra, ao norte de Azzano, às margens do Lago de Como. Apenas no dia seguinte será expedida a sentença de morte oficial, emanada pelos guerrilheiros socialistas. 29 de abril: vilipendiação pública do cadáver de Mussolini, juntamente com o de Claretta Petacci e outros líderes fascistas, em Milão.

(N.Ed.: Dada as incongruências dos relatos históricos que nos são apresentados, não é possível chegar a um consenso sobre a realidade dos fatos ocorridos. Desta forma, é possível que a presente cronologia apresente erros. Solicitamos aos leitores que, detectando-os, nos comuniquem para que possam constar as correções em edições futuras)